

Universidade de Brasília – UnB  
Faculdade de Ciência da Informação  
Graduação em Biblioteconomia

Roberto Sousa Cordeiro

Microtesouro sobre Budismo

Brasília DF  
2015

C794m Cordeiro, Roberto Sousa.

Microtesauro sobre Budismo / Roberto Sousa Cordeiro. – Brasília, 2015.

133 f.

Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2015.

Orientação: Fernanda de Souza Monteiro

1. Tesouro 2. Sistema de Organização do Conhecimento 3. Microtesauro. Monteiro, Fernanda de Souza. II Título.

Roberto Sousa Cordeiro

**Microtesauro sobre Budismo**

Monografia apresentada como requisito básico para obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Fernanda de Souza Monteiro

Brasília DF  
2015



**Título: Microtesouro sobre Budismo.**

**Aluno:** Roberto Sousa Cordeiro.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 23 de abril de 2015.

**Fernanda de Souza Monteiro** - Orientadora  
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutora em Ciência da Informação

**Dulce Maria Baptista** – Membro  
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutora em Ciência da Informação

**Rita de Cássia do Vale Caribé** – Membro  
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutora em Ciência da informação

## Agradecimentos

Agradeço aos meus pais pelo apoio incondicional.

Agradeço ao Thiago, por me incentivar, instigar, apoiar, aturar e dar sentido a minha jornada.

Agradeço à Aline, por compartilhar as dificuldades do caminho e sempre estar lá quando precisei.

Agradeço à Jakeline e à Jéssica Letícia por também me acompanharem nessa jornada.

Agradeço a minha orientadora, prof<sup>a</sup> Fernanda, pela gentileza e por sua prestatividade em me ajudar.

Agradeço à banca, por se dispor a avaliar este trabalho.

## RESUMO

Conceitua Sistema de Organização do Conhecimento (SOCs). Faz relação com o conceito de linguagens documentárias. Dá propriedades dos Sistemas de Organização do Conhecimento. Enumera os elementos dos SOCs. Conceitua domínio, conceitos e assuntos, e ordem, compreendendo os elementos dos SOCs. Explana sobre Teoria do Conceito. Define termo, característica e relações conceituais. Estuda as funções das linguagens documentárias. Expõe conceitos de categoria e classificação. Fala sobre as categorias de Aristóteles. Explica as facetas de Ranganathan. Enumera os predicáveis de Porfírio. Lista características ideais das estruturas hierárquicas e apresenta problemas práticos relativos às mesmas. Lista categorias de Sistemas de Organização do Conhecimento e as explica brevemente. Conceitua Tesouro. Enumera as funções dos tesouros. Lista tipos de tesouros. Explica elementos dos tesouros. Enumera os conceitos base do Budismo, universais a todas as escolas. Lista brevemente as principais escolas do budismo. Identifica os fatores que interferem na comunicação entre escolas após comparação conceitual. Elabora um tesouro com o objetivo de melhorar a comunicação entre escolas budistas.

**Palavras-chave:** Tesouro. Microtesouro. Sistema de Organização do Conhecimento

## ABSTRACT

Conceptualizes Knowledge Organization System (KOSs), connecting to the concept of indexing languages. Gives properties of Knowledge Organization Systems. Lists the elements of KOSs. Conceptualizes domain, concepts and issues, and order, comprising the elements of KOSs. Explains Concept Theory. Sets term feature and conceptual relationships. Studies the functions of indexing languages. Exposes concepts category and classification. Talks about the categories of Aristotle. Explains facets of Ranganathan. Lists the predicable of Porphyry. Lists ideal characteristics of hierarchical structures and presents practical problems relating to it. Lists categories of the Organization of Knowledge Systems and briefly explains it. Conceptualizes Thesaurus. Lists the functions of thesauri. Lists types of thesauri. Explains elements of thesauri. Lists the basic concepts of Buddhism, universal to all schools. Briefly lists the major schools. Identifies the factors that interfere with communication between schools.

**Keywords:** Thesaurus. Microthesaurus. Knowledge Organization System.

## Lista de ilustrações

Figura 1: Categorização dos Sistemas de Organização do Conhecimento

25

### Lista de siglas

BT	<i>Broader Term</i>
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CRG	<i>Classification Research Group</i>
LA	Linguagem Artificial
LD	Linguagens Documentárias
LN	Linguagem Natural
NCO	Nobre Caminho Óctuplo
NE	Nota Explicativa ou Nota de Escopo
NT	<i>Narrower Term</i>
PMEST	<i>Personality, Matter, Energy, Space and Time</i>
PNV	Primeira Nobre Verdade
QNV	Quarta Nobre Verdade
RT	<i>Related Term</i>
SC	<i>Subject Category</i>
SNV	Segunda Nobre Verdade
SOC	Sistema de Organização do Conhecimento
SOCs	Sistemas de Organização do Conhecimento
TA	Termo Associado
TCT	Teoria Comunicativa da Terminologia
TE	Termo Específico
TEP	Termo Específico Partitivo
TG	Termo Genérico
TGP	Termo Genérico Partitivo
TNV	Terceira Nobre Verdade
UF	<i>Used For</i>
UP	Usado Para
USE	Use

## Sumário

1	Introdução	10
1.1	Objetivos	11
1.1.1	Objetivo geral	11
1.1.2	Objetivos específicos	11
1.2	Justificativa	12
2	Revisão de literatura	12
2.1	Sistemas de organização do conhecimento	12
2.1.1	Definições	12
2.1.2	Elementos	14
2.1.3	Funções	16
2.1.4	Tipos de SOCs	24
2.2	Tesauros	27
2.3	Budismo	35
2.3.1	Fundamentos do Budismo	35
2.3.2	As escolas budistas	38
3	Metodologia	40
4	Desenvolvimento	41
5	Conclusão	46
	Referências	48
	Anexo	51
	Anexo A – Lista alfabética do Microtesauro sobre Budismo	51

## 1 Introdução

Vivemos numa época em que a informação é imprescindível para a execução de qualquer tarefa, sejam as do dia a dia, sejam tarefas mais complexas. Dessa forma, o acesso à informação é determinante na obtenção de sucesso nas nossas tarefas diárias. No entanto, para se ter acesso à informação é necessário antes organizá-la. Desde a década de 1950, época em que ocorreu a explosão da informação e deu origem à era em que hoje vivemos, tem-se preocupado com a criação de métodos e instrumentos que auxiliem na organização e recuperação da informação.

Sistemas de organização do conhecimento são instrumentos criados justamente com este propósito. É possível, através destes instrumentos, perceber relações conceituais ainda não explicitadas, entender determinado conceito mediante a sua contextualização, descobrir novos conhecimentos, auxiliar na busca por informação e sua representação, dentre outras tarefas (SOERGEL; VICKERY *apud* BRASCHER, CAFÉ, 2008).

Um tradicional sistema de organização do conhecimento é o tesouro. Empregado desde o século XIX para designar um dicionário invertido, o termo tesouro surgiu – como entendido pela ciência da informação atualmente – na segunda metade do século XX (DODEBEI, 2002; CURRÁS, 2010). Este importante sistema é usado de diferentes maneiras, como na representação e busca por informação. Por meio de tesouros podemos descobrir novos termos e, conseqüentemente, novos conhecimentos. Podemos, também, através da esquematização dos termos de uma área do conhecimento, compreendê-la melhor (DODEBEI, 2002). Cabe ressaltar que os tesouros são construídos para áreas específicas do conhecimento, sendo possível aplicar tal sistema em qualquer área do saber, tal como o budismo, uma religião amplamente difundida na Ásia, por povos e culturas com línguas e modos de pensar diversos, que acabou por desenvolver vários termos para expressar ideias semelhantes ao longo de sua história.

Os tesouros normalizam os termos de uma área – controlando sinônimos, homônimos, dentre outros fenômenos linguísticos – e estabelecem relações entre eles. Através dessa normalização é possível representar a informação de forma a ser recuperada posteriormente, como também podemos fazer o inverso – utilizá-lo para a busca por informação já representada.

O budismo é uma religião e filosofia nascida na Índia a cerca de 2500 anos que se expandiu por grande parte da Ásia, sendo a quarta maior religião mundial atualmente.

Suas elaborações e postulados são estudados de forma acadêmica em várias universidades pelo mundo, como também o estudo é parte fundamental da prática religiosa de várias escolas budistas. A diversidade de escolas budistas que surgiram pela história resultou numa variedade de termos técnicos próprios das suas escolas. Contudo, é possível traçar paralelos entre as doutrinas das escolas tradicionais budistas, seja encontrando termos equivalentes, seja identificando construtos teóricos com alguma relação entre si.

Uma forma de unificar a terminologia budista seria através da construção de um tesouro sobre o tema. Contudo, antes da construção de um tesouro sobre budismo devemos nos perguntar: O que determina a dispersão léxica do budismo? Como reverter essa dispersão?

Neste trabalho vamos definir o que são sistemas de organização do conhecimento, para contextualizar e definir o que são tesouros. Buscaremos entender as bases do budismo e sua terminologia, no tocante à sua dispersão léxica e possíveis formas de normalização para o desenvolvimento de um tesouro.

## 1.1 Objetivos

### 1.1.1 Objetivo geral

Desenvolver um tesouro sobre budismo, contemplando os três veículos clássicos, Theravada, Mahayana e Vajrayana, a fim de facilitar a busca por informações independentemente da escola.

### 1.1.2 Objetivos específicos

- Levantar termos usados nas escolas budistas tradicionais;
- Identificar os aspectos semânticos que interferem na comunicação e recuperação da informação entre praticantes, simpatizantes e estudiosos da doutrina budista;
- Relacionar semanticamente os termos das escolas budistas tradicionais, contemplando os três veículos clássicos.

## 1.2 Justificativa

A construção deste trabalho justifica-se mediante a natureza dos tesouros no tocante à normalização de termos de uma área do conhecimento. Com um tesouro podemos relacionar os termos de uma área do conhecimento que se encontram dispersos. Com os relacionamentos existentes num tesouro poderemos unificar e relacionar os termos das escolas budistas, criando uma terminologia padrão para as mesmas, ao identificar termos equivalentes, relações hierárquicas entre os termos, relações partitivas, dentre outros tipos de relacionamentos típicos de um tesouro, facilitando a busca por informação. Dessa forma, com a construção desse trabalho unificaremos os termos das escolas budistas, facilitando a busca por informação nesta área do conhecimento e compreensão da área.

## 2 Revisão de literatura

### 2.1 Sistemas de organização do conhecimento

#### 2.1.1 Definições

Carlan (2010) define sistemas de organização do conhecimento (SOCs) como

[...] instrumentos que fazem a tradução dos conteúdos dos documentos originais e completos, para um esquema estruturado sistematicamente, que representa esse conteúdo, com a finalidade principal de organizar a informação e o conhecimento e, conseqüentemente, facilitar a recuperação das informações contidas nos documentos (CARLAN, 2010, p. 28).

A autora, ao lembrar a definição de linguagens documentárias (LD), e demonstrar a forte semelhança que possui com os SOCs, torna explícita a relação de sinonímia entre os termos. Dessa forma, trataremos os dois conceitos como equivalentes e buscaremos definições de ambos na literatura.

Hjorland (2007 *apud* CARLAN, 2010) define SOC com um instrumento no qual se esquematiza a estrutura do conhecimento de determinado domínio, criando abstrações do mundo real.

Brascher e Café (2008, p. 8) entendem que SOCs “[...] são sistemas conceituais que representam determinado domínio por meio da sistematização dos conceitos e das relações semânticas que se estabelecem entre eles”.

Dodebei (2002) define linguagens documentárias como instrumentos feitos para facilitar e melhorar a comunicação na representação documentária. Já para Vickery (2008 *apud* BRÄSCHER; CARLAN, 2010) SOCs são instrumentos usados na organização, gerenciamento e recuperação da informação, sendo que os SOCs mais modernos centram-se nos termos e seus inter-relacionamentos.

Linguagens documentárias, na visão de Sales (2007, p. 97) são

linguagens artificiais construídas e constituídas de sistemas simbólicos que visam 'traduzir' sinteticamente conteúdos documentais, utilizadas nos sistemas documentários para indexação, armazenamento e recuperação da informação. (SALES, 2007, p. 97)

Aqui as linguagens documentárias, como um tipo de linguagem artificial (LA), fazem contraponto com a linguagem natural (LN). A diferença fundamental entre LA e LN é a diversidade de significados que uma palavra pode assumir na linguagem natural, enquanto que numa linguagem artificial, especialmente nas LDs, tenta-se restringir os significados das palavras, que nesse contexto passam a se chamar termos, de acordo com o entendimento de determinado domínio do conhecimento.

Para Gaudin (1968 *apud* LARA, 2011, p. 104) LDs são entendidas como “um conjunto de termos providos ou não de regras sintáticas, utilizadas para representar conteúdos de documentos técnico-científicos com fins de representação ou busca retrospectiva de informações.” Ainda segundo esse autor, linguagens documentárias são metalinguagens, pois sua utilização visa expressar o conteúdo de textos em linguagem natural.

Bräscher e Carlan (2010, p. 153), com base em diversos autores como Hjørland e Broughton et al., definem sistemas de organização do conhecimento como

representações de domínios do conhecimento que delimitam o significado de termos no contexto desses domínios, estabelecem relações que auxiliam a posicionar um conceito no sistema conceitual e são utilizadas como instrumentos de organização e recuperação da informação.

Para melhor compreender o que são linguagens documentárias e sistemas de organização do conhecimento e como tais instrumentos funcionam estudaremos seus componentes básicos.

### 2.1.2 Elementos

Dodebei (2002) identifica três elementos presentes em linguagens documentárias. Segundo a autora, toda LD possui um domínio, um objeto e uma ordem.

Tratando sobre domínio Dodebei discute a questão das linguagens documentárias universais, que tratariam do conhecimento humano de forma ampla e geral, e das especializadas, que são as LDs dedicadas a representar e organizar informação de um campo específico do conhecimento, ou até mesmo de um assunto em especial. A autora argumenta que no contexto de hierarquia do conhecimento essa divisão pode fazer sentido, mas quando se fala em questões de relacionamentos entre termos, a divisão dicotômica universal/especializada não é operacional, uma vez que para se analisar um tema e suas relações é preciso observar facetas de um tópico que não possuem necessariamente relações de subordinação e superordenação entre si. A autora, nesses casos de relacionamentos, sugere que o modelo enciclopédico de representação de um tema, onde se escolhe um tema central, e em seguida se faz relação com o conhecimento universal, é o mais apropriado.

O objeto identificado por Dodebei (2002) são os conceitos e assuntos esquematizados nas linguagens documentárias. A autora faz a diferenciação entre conceito – entendido como “abstrações de objetos representados por símbolo da língua natural, de caráter unívoco e restrito” (p. 54-55) – e assunto, definido como “a representação da soma de vários conceitos” (p. 55). A autora divide aqui as LDs em dois tipos. Primeiramente Dodebei cita as LDs pautadas pelas “pré-coordenações conceituais”, que tem por base a análise e relações de assuntos. Em contraposição às pré-coordenadas, a autora fala das linguagens documentárias pós-coordenadas, que são formadas por estruturas de relacionamentos entre conceitos.

A compreensão da autora acerca do terceiro elemento, a ordem, refere-se aos tipos de relacionamentos que existem dentro da linguagem documentária. Dodebei (2002), citando Wanderley, divide as classificações em unidimensionais e pluridimensionais. As classificações onde existe apenas um tipo de relacionamento, como por exemplo superordenação/subordinação, são do tipo unidimensional real. Como exemplo de unidimensional aparente é citada a Classificação Decimal de Dewey (CDD), pois nesse tipo há possibilidade de múltiplos relacionamentos encobertos por uma estrutura hierárquica. Classificações facetadas são exemplo do tipo pluridimensional, pois fazem combinações entre essências e acidentes, ou seja, representam um objeto sobre diversos

aspectos. Por fim, há o tipo misto, que combina os relacionamentos hierárquicos do tipo unidimensional, mas possibilitam relações pluridimensionais. A Classificação Decimal Universal (CDU) é o exemplo dado para esta espécie de classificação.

Com base no entendimento dos tipos de relacionamento das classificações e expandindo às LDs de forma geral, a autora advoga que relacionamentos múltiplos, que criam redes de conhecimentos, representam a informação de forma mais completa.

Ainda tratando dos elementos que compõem as linguagens documentárias, Sales (2007) identifica três elementos básicos: termos, conceitos e características. Bräscher e Carlan (2010) também listam três elementos básicos presentes nos SOCs – conceitos, rótulos ou etiquetas e as relações semânticas ou conceituais – que se assemelham e se relacionam aos expostos por Sales.

Na construção da definição de conceito, tanto Sales (2007) quanto Bräscher e Carlan (2010) utilizam as teorias de Dahlberg. Na perspectiva de Dahlberg, conceitos, também chamados de unidades de conhecimento, consistem em enunciados verdadeiros sobre algo. Já para Gomes (1990 *apud* SALES, 2007) conceito é a ideia que temos de algum objeto material ou imaterial. Com o aporte da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), Sales (2007) entende conceito como “uma representação mental de um objeto” (p. 99). Essas definições que ao nosso ver se complementam, concordam ao apontar o segundo elemento dos SOCs como a expressão verbal do conceito, mas divergem um pouco em sua definição.

Termo é entendido por Sales (2007) como a soma do conceito e da unidade lexical que o identifica. O autor cita outras definições de termo que concordam mais com Bräscher e Carlan (2010) que dizem ser o termo “rótulos [...] usados para fazer referências aos conceitos” (SKOS, 2004 *apud* BRÄSCHER; CARLAN, 2010, p. 155), concordando com Tristão, Fachin e Alarcon (2004 *apud* SALES, 2007), que entendem termo como o signo linguístico que representa um conceito, proposição que concordamos.

Há uma divergência quanto a qual seria o terceiro elemento de um SOC, porém não há oposição entre os identificados pelos autores. Sales, apoiado em Dahlberg, fala sobre os elementos de conhecimento que compõem as unidades de conhecimento. Em outras palavras Sales diz que conceitos (unidades de conhecimento) são formados por características (elementos de conhecimento), que por sua vez consistem em predicados dados a um objeto.

O terceiro elemento de Bräscher e Carlan (2010) são as relações semânticas ou

conceituais, entendidas como ligações entre conceitos. A relação do terceiro elemento de Sales com o de Bräscher e Carlan acontece quando as autoras afirmam que as ligações entre conceitos acontecem por meio da análise de suas características. Sales concorda ao afirmar que o que determina as relações entre conceitos são as características que os compõem.

Compreendidos os elementos de um sistema de organização do conhecimento podemos estudar agora suas funções.

### 2.1.3 Funções

A semelhança entre linguagens documentárias e sistemas de organização do conhecimento tornam-se mais evidentes ao analisarmos as funções atribuídas a eles.

Dodebei (2002) identifica três funções básicas para as linguagens documentárias, consistindo em organizar os conceitos de um domínio, auxiliar na disposição física de documentos e, por fim, “controlar dispersões léxicas, sintáticas e simbólicas no processo de análise documentária” (p. 57).

No que tange à organização de conceitos, Dodebei (2002) se apoia em Lara (1993 *apud* DODEBEI, 2002) ao atribuir esta função às linguagens documentárias quanto esta autora afirma que LDs deveriam servir de referência para o entendimento dos termos de um domínio. Esta função se apoia em dois princípios que as linguagens documentárias devem incorporar em sua construção: o princípio da garantia literária e o princípio da garantia do usuário.

A garantia literária assegura que os termos selecionados correspondem aos termos usados na literatura que se pretende representar. Já a garantia do usuário trabalha a questão do ajustamento da linguagem documentária ao perfil do usuário, para assim se fazer inteligível e cumprir seu papel no processo de satisfação de necessidade informacional.

Quanto à função de guia para a disposição física de documentos, Dodebei (2002) indica as classificações bibliográficas como as linguagens documentárias que cumprem este papel, em especial a Classificação Decimal de Dewey e a Classificação Decimal Universal. Apesar de reconhecer a utilidade desses instrumentos em organizar documentos por assunto, a autora aponta limitações desses SOCs na aplicação em nível mais especializado, onde se trabalha com conceitos, algo mais específico que assuntos. Problema dessas linguagens documentárias diz respeito ao fato de que as classificações

não possuem complexidade suficiente para representar todos os conceitos de um documento.

Por fim, a normalização dos termos acontece quando se restringe o significado destes. Essa restrição de significados é importante, pois possibilita que os termos utilizados na busca por informação sejam próximos dos termos empregados na representação da informação, aumentando, assim, a precisão na recuperação da informação. A normalização também ajuda na formulação da pergunta, pois cumprindo essa função uma linguagem documentária constrói uma estrutura de conceitos, hierarquizando e criando, assim, uma visualização do domínio representado ao explicitar os termos deste. Dessa forma, uma linguagem documentária possibilita melhores compreensões sobre um conceito ou tópico qualquer.

Soergel (1999 *apud* BRASCHER; CAFÉ, 2008, p. 8) atribui aos sistemas de organização do conhecimento as funções de:

- prover um mapa semântico para domínios individuais e para os relacionamentos entre domínios, fornecendo orientação e servindo como instrumento de referência;
- melhorar a comunicação e o ensino;
- prover uma base conceitual para a boa execução da pesquisa e implementação;
- prover classificação para a ação, isto é, o uso prático dos SOC em diferentes atividades profissionais, tais como classificação de doenças para diagnósticos médicos e de mercadorias para o comércio;
- apoiar a recuperação da informação;
- prover uma base conceitual para sistemas baseados em conhecimento e para a definição de elementos de dados e hierarquias de objetos na engenharia de *software*;
- servir como dicionários mono, bi ou multilíngue para uso pelo homem ou por sistemas automáticos de processamento da linguagem natural.

Hodge (2008 *apud* BRASCHER; CAFÉ, 2008) diz que a função de um SOC é a normalização dos termos na representação temática da informação. Vickery (2008 *apud* BRÄSCHER; CARLAN, 2010, p. 154) diz que os sistemas de organização do conhecimento, por organizar o conhecimento de um domínio, possibilitam “indexação, organização e recuperação de informações ou outros tipos de objetos; construção de mapas de conhecimento; navegação para busca de informação e criação de novo conhecimento a partir do existente.”

O autor também fala do papel que as relações semânticas presentes nos sistemas de organização do conhecimento exercem na busca por informação. Por agrupar os termos e assuntos em categorias que vão das mais gerais para as mais específicas, criando hierarquias de termos e assuntos, um SOC pode auxiliar em buscas mais genéricas, onde o foco da pesquisa é mais amplo abarcando vários dos assuntos específicos de um domínio. Por criar hierarquias de termos e relacionamentos entre estes, um SOC auxilia na busca por assuntos específicos ao desdobrar um tópico exaustivamente. A hierarquização de assuntos pode ser utilizada, também, na ordenação de informação e os termos esquematizados e melhor compreendidos através dos relacionamentos podem servir de base para uma busca por informação.

Bräscher e Carlan (2010) identificam a utilização dos sistemas de organização do conhecimento em dois momentos:

- organização da informação, onde a preocupação é com a padronização dos termos usados na representação temática da informação;
- recuperação da informação, ao auxiliar e orientar a busca por informação.

Para entendermos melhor as funções dos sistemas de organização do conhecimento precisamos compreender no que consiste o ato de classificar e o que são categorias, presentes em vários tipos de SOCs. Piedade (1983, p. 16) diz que classificar “é dividir em grupos ou classes, segundo as diferenças e semelhanças. É dispor os conceitos, segundo suas semelhanças e diferenças em certo número de grupos metodicamente distribuídos.”

Sayers (1955 *apud* PIEDADE, 1983) diz que classificar é um processo mental que identifica as coisas no mundo e as agrupa de acordo com suas semelhanças e as separa devido suas diferenças. Piedade ainda ressalta que o ato de classificar é inerente ao pensamento humano. Bräscher e Carlan (2010) concordam com Piedade (1983) afirmando que pensamentos e o raciocínio seriam impossíveis de acontecer sem o ato de classificar, que é definido pelas autoras como o processo de reunião de ideias e objetos em grupos de acordo com suas semelhanças e diferenças.

Souza (2009) traz o conceito presente na 2ª Edição-Padrão Internacional em Língua Portuguesa da CDU, que compreende classificação como “um meio de introduzir ordem numa multiplicidade de conceitos, ideias, informações, organizando-as em classes [...]” (p. 13).

Num entendimento mais pertinente à Ciência da informação e à Biblioteconomia, classificação é a tradução “dos assuntos dos documentos da linguagem natural para a linguagem artificial utilizada pelos sistemas de classificação bibliográfica” (RANGANATHAN *apud* PIEDADE, 1983, p. 17).

O processo de classificação acontece a partir da escolha de uma característica, sendo uma qualidade ou atributo dos objetos, que servirá de base para o agrupamento e divisão destes (PIEADADE, 1983). Segundo a autora citada anteriormente, a quantidade de características dos objetos determina a variedade de formas de classificação. Porém, apesar da multiplicidade de características que podemos ter, é possível agrupá-las em dois tipos: essencial ou acidental. Uma característica essencial diz respeito a algo que define um objeto, sem a qual o objeto seria descaracterizado. Já características acidentais são aquelas que podem ou não ocorrer em um objeto, que não é comum a todos da mesma categoria.

O conjunto de objetos que possuem determinado número de características em comum constitui a classe. Já categorias, segundo Langridge (1977 *apud* PIEDADE, 1983, p. 19), são “as classes mais gerais de fenômenos”, ou como define Mills (*apud* PIEDADE, 1983), categorias são conceitos genéricos aplicáveis de forma ampla, reunindo diversos conceitos subjacentes. Trabalho fundamental sobre categorias foi o do filósofo grego Aristóteles (*apud* PIEDADE, 1983, p. 20), que formulou dez categorias básicas do que pode ser dito sobre as coisas, compreendendo em:

- Substância
- Qualidade
- Quantidade
- Relação
- Duração
- Lugar
- Ação
- Paixão ou sofrimento
- Maneira de ser
- Posição

Dentre essas categorias a única que tem caráter essencial é a Substância, sendo as outras acidentais aplicáveis à primeira. Aristóteles (*apud* PIEDADE, 1983, p. 20)

também formulou uma lista sintética das categorias fundamentais, reduzindo à seguinte relação:

- Substância
- Modo
- Relação

Substância é aqui semelhante ao esquema anterior, consistindo nos objetos que existem, enquanto Modo é o que pode ser encontrado na substância, suas características e modos de ser. Já Relação diz respeito a características que ligam um objeto a outro.

Outro trabalho de muita relevância sobre categorias é o de Ranganathan (1963 *apud* CARLAN, 2010, p. 74) que formulou as categorias fundamentais conhecidas pela sigla PMEST, consistindo em Personalidade (*Personality*), Matéria (*Matter*), Energia (*Energy*), Espaço (*Space*) e Tempo (*Time*). A primeira categoria, Personalidade, é o núcleo de um assunto, o cerne daquilo que é estudado, o objeto fundamental de um tópico. Matéria diz respeito ao que compõe a Personalidade de um assunto. Energia são ações, processos, fenômenos, técnicas que ocorrem no âmbito da Personalidade. Espaço consiste em divisões geográficas e Tempo em divisões cronológicas.

As teorias de Ranganathan foram retrabalhadas pelo *Classification Research Group* (CRG), resultando nas seguintes categorias (PIEADADE, 1983):

- Produto final
- Partes
- Materiais
- Propriedades
- Processos
- Operações
- Agentes
- Espaço
- Tempo
- Forma de apresentação

Produto final consiste no objetivo central que determinada área do saber possui, já as Partes compreendem as divisões do produto final. Produto final e Partes correspondem

à categoria Personalidade de Ranganathan, assim como Materiais corresponde à categoria Matéria, englobando os componentes do produto final e suas partes. Propriedades são as características de um Produto final, bem como de suas Partes. Processos consistem em ações que os objetos sofrem e vão resultar no Produto final. Agentes são pessoas e objetos envolvidos nas ações. Espaço e Tempo são categorias que dizem respeito a onde e quando ocorreu o fato. Por fim, forma de apresentação trata do tipo do documento classificado.

Piedade (1983) ressalta que nem todas as categorias estão presentes ou podem ser empregadas em todos os assuntos.

Após a escolha dos critérios para o estabelecimento das categorias surge a hierarquização destas. A noção de classificação hierárquica é fortemente influenciada por Aristóteles (CARLAN, 2010), sendo ele a fonte da divisão em gênero e espécie, onde um universo pode ser dividido em partes mediante escolha de uma característica, reunindo semelhantes e separando diferentes.

Outro filósofo com notável contribuição para a noção de hierarquia foi Porfírio (*apud* PIEDADE, 1983). Ele elaborou os conceitos de predicáveis, princípios utilizados nas subdivisões das classificações, que consistem em:

- Gênero: conjunto de objetos que podem ser divididos em dois ou mais tipos;
- Espécie: são os tipos resultantes da divisão de um gênero;
- Diferença: característica que divide as espécies, que distingue uma espécie de outra;
- Propriedade: característica não exclusiva de um gênero, porém comum a todos os membros destes;
- Acidente: característica que pode ou não ocorrer nos membros de um gênero.

Com base no trabalho de Kwasnik (1999 *apud* CARLAN, 2010), Carlan (2010) lista uma série de características que uma estrutura hierárquica bem construída deve possuir. São elas:

- Inclusividade: é a característica de uma hierarquia superior que torna possível reunir todas as coisas com semelhanças suficientes para pertencerem a uma mesma classe, incluindo sub-classes, sub-subclasses, e

assim por diante. É a propriedade da hierarquia superior de determinar todo um domínio da classificação.

- Gênero/espécie: relação entre superclasse e subclasse que, idealmente, deveria ser a única presente numa estrutura hierárquica.
- Herança: é a propriedade das subclasses de herdar todas as características das superclasses.
- Transitividade: é o pertencimento da sub-subclasse não apenas à superclasse imediatamente superior a ela, como às superclasses superiores a esta última.
- Regras sistemáticas e predeterminadas para associação e distinção: numa estrutura hierárquica as regras para reunir as coisas sob uma classe e para criar subclasses dentro desta devem ser elaboradas com antecedência. Dessa forma, as diferenças e semelhanças entre os objetos possuem certa regularidade, ou seja, é possível distinguir objetos de forma previsível e uniforme, bem com reuni-los do mesmo modo.
- Mútua exclusividade: diz respeito à característica de um objeto de pertencer apenas a uma classe dentro de uma estrutura hierárquica ideal.
- Critério necessário e suficiente: são os requisitos que determinado objeto deve preencher para ser incluso numa classe específica.
- Informação completa e compreensível: como consequência do estabelecimento de regras prévias na criação e subdivisão de classes, a estrutura hierárquica possui um entendimento intuitivo. Porém, só é possível gerar uma hierarquia facilmente compreensível se o construtor conhecer a fundo os objetos classificados, compreendendo com precisão a extensão, atributos e o critério de divisão e agrupamento.
- Herança e economia nas notações: em virtude da relação gênero e espécie, da herança de características e transitividade que ocorre entre superclasse e subclasse há a possibilidade de economia na representação de atributos dentro da estrutura hierárquica.
- Inferência: a estrutura hierárquica pode servir de base para o raciocínio sobre seus componentes a partir de dados incompletos. Isso acontece devido ao compartilhamento de características que ocorre entre membros de uma classe.
- Definições reais: a partir de classificações hierárquicas é possível criar

definições reais sobre os objetos, que consiste numa definição de como um objeto é e o que torna este diferente de outro. Considerada por muitos como uma forma de definição superior a outras, a definição real é caracterizada por transmitir uma série de atributos sobre o objeto e características que o distinguem, sendo uma forma eficiente de definir a essência e delimitar o conceito do objeto.

- Visão de nível elevado e perspectiva holística: a representação hierárquica, por esquematizar objetos de forma a apontar suas diferenças em nível fundamental, possibilita a visualização do fenômeno de uma perspectiva mais ampla, o que permite a identificação de padrões e anomalias entre os objetos. Por criar uma visão do fenômeno que está além da instância individual e por possibilitar a visualização de relações, padrões e anomalias que antes não estavam tão evidentes, a estrutura hierárquica também pode ser usada como um gerador de conhecimento.

Apesar de todos os pontos positivos descritos acima, Kwasnik (1999 *apud* CARLAN, 2010) identifica uma série de problemas pertinentes à classificação hierárquica, a depender do domínio representado. Primeiramente, um objeto pode pertencer a hierarquias diferentes, a depender do contexto e objetivo da representação, o que torna a ideia de hierarquia única inviável. Se o desdobramento da hierarquia não acontecer com base em critérios mutuamente excludentes e em regras previsíveis, a hierarquia perderá a capacidade de representar o domínio com clareza. Outro problema está na necessidade de conhecimento aprofundado para a elaboração de hierarquias sobre um domínio. Um cuidado que deve ser tomado na elaboração de hierarquias é a observação se todos os conceitos de determinada classe estão no mesmo nível conceitual. Por fim, as regras para a inclusão de um objeto em uma classe devem ser bem claras e delimitadas, sob o risco de gerar ambiguidade.

Por fim, Sales (2007), citando Cintra et al. (2002) e Lima (2004), ressalta a função social das LDs. Segundos os autores, as linguagens documentárias exercem papel de grande importância na democratização do acesso à informação, ao facilitar a recuperação da informação; contribuem para o surgimento de novos conhecimentos, uma vez que auxiliam usuários a encontrar informações, sendo estes produtores de conhecimento em potencial.

Como podemos perceber as funções dos SOCs permitem a aplicação desses

instrumentos em diversas funções. Para melhor compreender as aplicações dos SOCs estudaremos a seguir os tipos existentes e como são categorizados esses mecanismos de organização e representação do conhecimento.

#### 2.1.4 Tipos de SOCs

Dentre os sistemas de organização do conhecimento há subdivisões que os classificam de acordo com suas finalidades, características e semelhanças. Vickery (2008 *apud* BRÄSCHER, CARLAN, 2010, p. 151) reúne os SOCs em quatro categorias:

- 1) Era da pré-coordenação: os SOCs eram estruturas estáticas e atendiam às necessidades dos sistemas manuais de organização e recuperação da informação, como índices e catálogos. Incluem-se aqui as listas de cabeçalhos de assunto e as classificações.
- 2) Era da pós-coordenação: os SOCs tornam-se mais dinâmicos e possibilitam que cada um de seus elementos (termos) sejam manipulados de forma independente para representar os assuntos de cada documento. Exemplos de SOCs dessa era são vocabulários controlados (listas de termos autorizados para uso na indexação e recuperação da informação) e tesouros.
- 3) Era da Internet: os SOCs que se destacam são as classificações hierárquicas que orientam o usuário na escolha do termo que melhor expressa sua questão de busca; os elos estabelecidos por meio de URL entre itens da Web e os índices das ferramentas de busca, compostos de palavras extraídas dos conteúdos dos objetos informacionais.
- 4) Era da Web Semântica: os SOCs dessa era diferenciam-se dos demais por serem projetados para uso por agentes inteligentes. O principal exemplo são as ontologias.

Carlan (2010), citando Hodge (2008), divide os sistemas de organização do conhecimento em três categorias principais. A primeira chama-se Lista de Termos, que agrupa as listas de autoridade, glossários, dicionários e gazetteers; a segunda consiste na Classificação e Categorias, e inclui genericamente qualquer sistema de categorização, classificações bibliográficas, listas de cabeçalho de assunto e taxonomias; Por fim, temos a Lista de relacionamentos como a terceira categoria, que abarca os tesouros, redes semânticas e as ontologias.

Baseada no trabalho de Hodge, Zeng (2008 *apud* CARLAN, 2010) esquematiza os SOCs de acordo com suas estruturas e funções, partindo do mais simples seguindo em direção ao mais complexo:

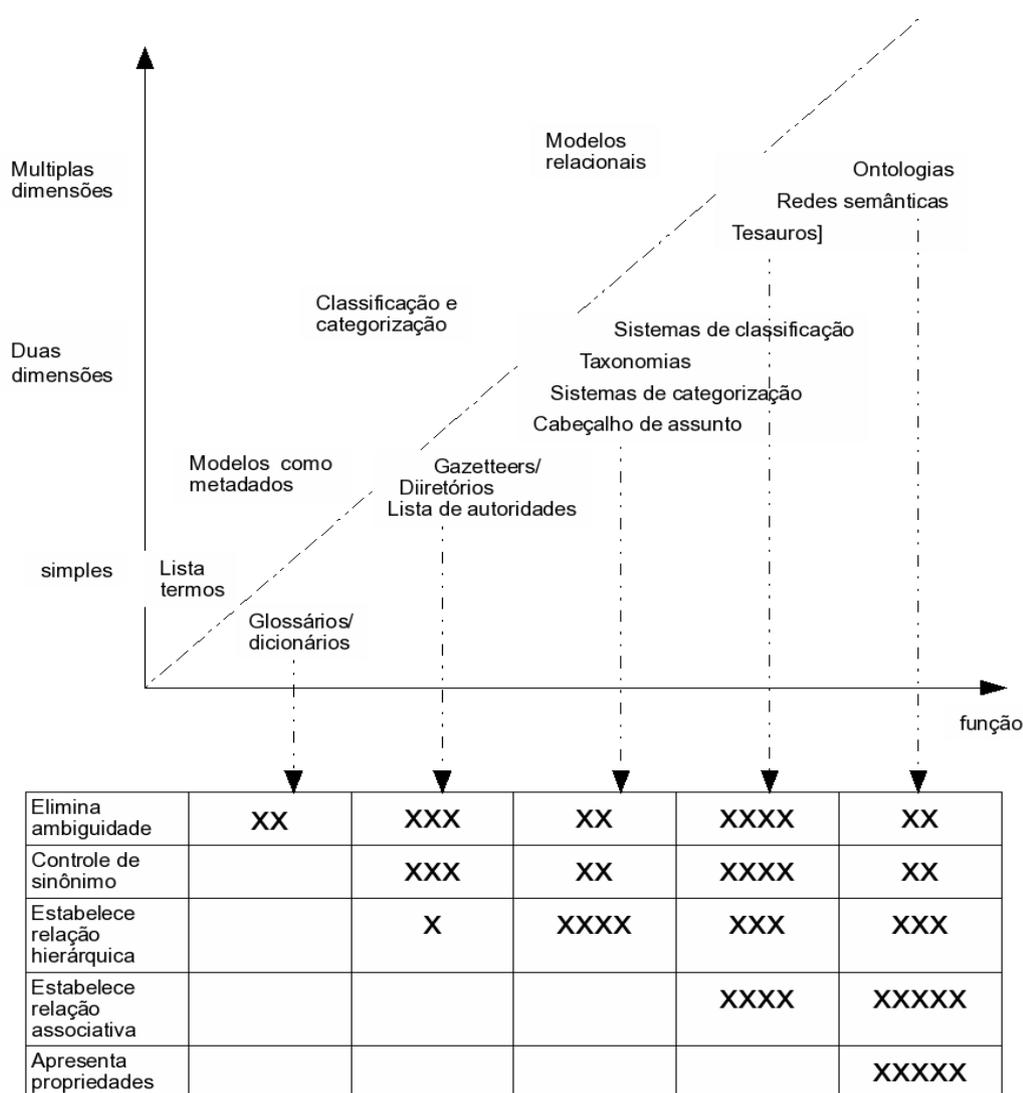


Figura 1: Categorização dos Sistemas de Organização do Conhecimento

Fonte: Zeng (2008 apud CARLAN, 2010, p. 38)

Como vemos na Figura 1<sup>1</sup>, os diferentes tipos de SOC's cumprem diferentes tipos de funções, a depender de sua complexidade. Carlan (2010) explica as funções identificadas nas figuras acima. Assim, vemos que um sistema de organização do conhecimento elimina a ambiguidade de um termo quando de alguma forma restringe o significado deste, uma vez que em linguagem natural uma palavra pode ter acepções variadas.

<sup>1</sup> No texto que se cita não foi indicado o significado dos "x" presentes na tabela.

O controle de sinônimo acontece quando um SOC identifica termos que se referem a um mesmo conceito e elenca apenas um termo como válido para a representação da informação.

Outra função que pode ser exercida pelos SOCs é o estabelecimento de relações entre os termos. Essas relações podem ser de dois tipos: hierárquica, quando consiste em superordenação e subordinação de conceitos; e associativas, quando os termos possuem alguma ligação semântica ou conceitual, sem que um seja inferior ao outro.

Por fim, a apresentação de propriedades acontece apenas em ontologias, onde se descreve exhaustivamente as propriedades dos conceitos e suas características.

A seguir detalharemos as categorias e tipos de sistemas de organização do conhecimento apresentados por Carlan (2010)

### Listas de termos

- Lista de autoridades: SOC com estrutura pouco complexa, que consiste numa lista de nomes de determinado tipo de entidade com o objetivo de controlar a variedade de representação destas entidades. Pessoas, países e instituições podem ser objeto de trabalho desses sistemas de organização do conhecimento;
- Glossários: listas de termos presentes em uma obra ou pertencentes a um tema determinado, em geral seguidos de definições;
- Dicionários: lista de palavras em ordem alfabética seguidas de acepções. Podem ser gerais ou especializados em uma área do conhecimento ou até mesmo em um assunto específico. Além de definições podem ser dadas outras informações sobre a palavra, como origem, pronúncia, variações morfológicas, etc.
- *Gazetteers*: Carlan (2010, p. 35) diz que *gazetteer*

é um dicionário de nomes de lugares. Os tradicionais são publicados na forma de livros ou aparecem como índice nos atlas geográficos. Cada entrada deve ser identificada pelo tipo de característica e/ou de aspecto, tais como rios, cidades ou escola. Geoespacialmente referenciados os *gazetteers* apresentam as coordenadas para a localização de lugares na superfície da Terra.

### Classificação e categorias

- Sistemas de categorização: qualquer esquema que organize termos, como anéis de sinônimos;

- Lista de cabeçalhos de assuntos: como dito por Carlan (2010, p. 36) são um “conjunto de termos controlados que representam o assunto de um item de uma coleção”;
- Taxonomias: esquema que ordena itens em categorias de acordo com características específicas destes.
- Classificações bibliográficas: esquemas de notações com relações hierárquicas e/ou facetadas que visam representar assuntos de documentos.

## Modelos de relacionamentos

- Tesouros: Boccato (2011, p. 168) define brevemente tesouros como “conjuntos de termos que representam conceitos e as relações hierárquicas, de equivalência e de associação entre eles”;
- Redes semânticas: conjunto de termos representados em forma de redes, onde os nós são os conceitos e as relações são as ligações entre eles.
- Ontologias: mais complexas que redes semânticas, consistem em “relacionamentos complexos entre objetos, incluindo regras de inferência e axiomas não incluídos em nenhum outro tipo de SOC” (CARLAN, 2010, p. 36).

Compreendidos os Sistemas de Organização do Conhecimento, agora estudaremos o SOC pertinente a este trabalho, os tesouros.

## 2.2 Tesouros

O termo tesouro tem raízes gregas e originalmente significava tesouro ou repositório (VICKERY, 1960 *apud* DODEBEI, 2002). O percussor dos tesouros como entendidos atualmente foi a obra de Peter Mark Roget, publicada em 1852 com o título de *Thesaurus of English Words and Phrases*. Também conhecido como *Roget's Thesaurus*, ele organizava palavras e expressões de acordo com o significado que possuíam, sendo utilizado de forma inversa de um dicionário: tendo-se uma ideia em mente buscar-se-ia uma palavra para expressá-la (DODEBEI, 2002). Para atingir esse objetivo Roget organizou as palavras do idioma inglês em seis categorias – relações abstratas, espaço, matéria, intelecto, volição, afeições – as quais foram subdivididas em classes e subclasses até se chegar nos conceitos isolados (DODEBEI, 2002).

Já no campo da ciência da informação os tesouros surgiram por volta da década de 50 como resposta à necessidade de novas formas de organização da informação e conhecimento em franca expansão. Destacam-se os trabalhos de Howerton e Brown como os primeiros a empregar e definir o termo *thesaurus*, de forma independente um do outros (CURRÁS, 2010).

Entre o final da década de 40 e o início da década de 60 foi o período de consolidação teórica dos tesouros, sendo esta última década caracterizada pelo surgimento de tesouros formalmente construídos (CURRÁS, 2010).

Ao longo do tempo os tesouros receberam diferentes definições. Apesar de se atribuir a Roget o pioneirismo no emprego do termo *thesaurus*, este já existia, possuindo acepções levemente diferentes. No *Short Oxford Dictionary*, de 1736 (*apud* CURRÁS, 2010, p. 94) a palavra tesouro é definida como “[...] um tesouro, ou armazém de conhecimentos; por exemplo, um dicionário, uma enciclopédia e outras obras semelhantes.”

Já o *Webster’s American Dictionary* (*apud* CURRÁS, 2010, p. 94) conceitua tesouro como “um livro de palavras, ou informação, sobre um tema particular, ou conjunto de conceitos, especialmente um dicionário de sinônimos.”

Por fim, dentre as primeiras definições de tesouro, destacamos a de Roget, na qual tesouros consistem em

[...] uma coleção de palavras e frases ordenadas, não em ordem alfabética, como estão num dicionário, mas de acordo com as idéias que representam. Isso quer dizer que se tem a idéia, e tem que se buscar a palavra, ou palavras, que se ajustam mais exatamente a essa idéia” (*apud* CURRÁS, 2010, p. 94).

Já na Ciência da Informação existe algum consenso em afirmar que Brown foi a pioneira no emprego da palavra tesouro (*apud* CURRÁS, 2010, p. 95) quando a autora escreveu que “[...] o problema da recuperação da informação é transformar conceitos e suas relações, como se expressam na linguagem dos documentos, numa linguagem mais regulamentada, com sinônimos controlados e suas estruturas sintáticas simplificadas.”

Como uma das primeiras definições de tesouro também temos a de Howerton (*apud* CURRÁS, 2010, p. 95), segundo a qual tesouros são “[...] uma lista autorizada, que pode conduzir o usuário de um conceito a outro, por meio de relações heurísticas ou intuitivas. A lista pode-se usar manual ou mecanicamente, para atribuir cabeçalhos de indexação.”

Avançando um pouco mais no tempo, após a consolidação teórica dos tesouros,

podemos citar Cavalcanti (*apud* CARLAN, 2010, p. 40), que define tesouro como “uma lista estruturada de termos associados empregada por analistas de informação e indexadores, para descrever um documento com a desejada especificidade, a nível de entrada, e para permitir aos pesquisadores a recuperação da informação que procuram.”

Wersig (*apud* CURRÁS, 2010, p. 96) descreve os tesouros como “[...] listas de termos pré-fixados com anterioridade, mas extraídos do texto dos documentos, em que os conceitos se desdobram em unidades simples. Estas se coordenam posteriormente, para evitar ambiguidade. Entre elas se estabelecem relações hierárquicas, associativas e de equivalência.”

Já Gilchrist (*apud* CURRÁS, 2010, p. 96) fala de “[...] uma lista autorizada de léxicos, sem notação, que difere de uma lista de cabeçalhos de assunto, na qual as unidades léxicas, sendo menores, são mais fáceis de se manipular e se utilizam na indexação coordenada”.

Avançando um pouco mais no tempo temos Long (*apud* CURRÁS, 2010, p. 97) definindo tesouro como

[...] um conjunto semiológico, utilizado como sistema de classificação, onde as unidades classificatórias formam conjuntos de morfemas, ligados por relações de tipo paradigmático, a partir das quais se constroem diferentes classes. Esses morfemas utilizam relações de tipo sintático para que os termos tenham uma representação documentária. O importante não são os documentos, mas as relações dos temas. Essa tarefa a realiza o indexador.

Currás (2010, p. 99) define tesouro como “[...] uma linguagem especializada, normalizada, pós-coordenada, usada com fins documentários, onde os elementos lingüísticos que a compõem – termos simples ou compostos – se relacionam entre si sintática semanticamente [sic].”

Por fim, cita-se Cunha e Cavalcanti (2008, p. 362), onde tesouros são

3. Lista de termos de uma linguagem natural, normalizados, preferenciais e organizados de modo conceitual, de acordo com regras terminológicas próprias e ligados entre si por relações hierárquicas ou semânticas. 4. Um tesouro pode ser definido de acordo com sua função ou de acordo com sua estrutura. 4.1 Do ponto de vista de sua função, o tesouro é um instrumento da terminologia empregado para traduzir em linguagem artificial (linguagem documentária, linguagem de indexação) a linguagem natural usada nos documentos e pelos indexadores ou pelos usuários, assim como para voltar à linguagem natural a partir da linguagem artificial. 4.2 Do ponto de vista da estrutura, o tesouro é um vocabulário organizado e dinâmico de termos que possuem, entre si, relações semânticas e genéricas e que se aplica de modo exaustivo, em âmbito próprio a uma área do conhecimento; instrumento de terminologia, instrumento terminológico.

Quanto às funções de um tesouro, Foskett (1972 *apud* DODEBEI, 2002, p. 67) enumera as seguintes:

- Distinguir entre homógrafos, ou seja, termos com significados diferentes, mas que possuem a mesma grafia;
- Facilitar as buscas através dos relacionamentos entre termos, melhorar a consistência da indexação e traduzir a linguagem natural para a linguagem controlada;
- Tornar a indexação e recuperação da informação mais eficientes.

Já o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) lista as seguintes finalidades (1984, p. 1-2):

1. controlar os termos usados na indexação mediante um instrumento que traduza a língua natural dos autores, indexadores e pesquisadores numa linguagem mais controlada, usada na indexação e recuperação;
2. assegurar, mediante essa linguagem controlada, uma prática consistente entre diferentes indexadores que atuem no mesmo serviço, ou entre indexadores que atuem em serviços diferentes, numa rede cooperativa;
3. limitar o número de termos necessários atribuídos aos documentos. Os termos atribuídos a um documento devem representar, tão especificamente quanto possível, os conceitos expostos pelo autor, sem que haja necessidade de incluir termos de conotação mais ampla e demais termos associados, se tais termos estiverem implicados nos quadros normais de referência;
4. servir como auxiliar de busca na estratégia de recuperação, inclusive em sistemas de texto livre.

Entendido o que é e para que serve um tesouro, pode-se investigar brevemente a diversidade desses sistemas de organização do conhecimento. Currás (2010) sistematiza os tesouros de acordo com vários critérios. Segundo a autora, tesouros podem ser classificados de acordo com sua abrangência, sendo gerais quando se propõem a esquematizar conceitos amplos e especializados quando focam uma determinada área do conhecimento. Currás (2010) nos alerta que um tesouro especializado pode cobrir mais de uma disciplina, o que nos remete à próxima classificação, segundo a qual um tesouro pode ser multidisciplinar ou monodisciplinar.

A autora relata também a classificação de tesouros principais e marginais, na qual os tesouros marginais servem como tabelas auxiliares ao tesouro que trata dos termos principais. Entrando nas classificações que levam em conta a organização dos tesouros, tem-se os alfabéticos, onde os termos são ordenados alfabeticamente e os sistemáticos, onde a organização se dá pelos temas. Os tesouros sistemáticos ainda se desdobram em

hierárquicos, facetados e gráficos. Em geral tesouros possuíam uma parte alfabética, outra sistemática e por ventura uma gráfica, porém, a representação gráfica de conceitos está em desuso com a presença de computadores (CURRÁS, 2010)

Currás (2010) menciona também os microtesouros, consistindo nos que abordam um tema específico, e os macrotesouros, que comportam vários temas que se relacionam entre si, assemelhando-se à junção de vários microtesouros. Por fim a autora cita o critério idiomático, segundo o qual um tesouro pode ser monolíngue, bilíngue ou plurilíngue, e também o critério de procedência, onde um tesouro poderá ser público ou privado.

Gomes (1990 *apud* CARLAN, 2010) é mais sintética e classifica tesouros nas seguintes categorias:

- monolíngue e multilíngue
- macrotesouro e microtesouro
- multidisciplinares e de disciplina específica

Apesar dessa diversidade tipológica, os componentes dos tesouros são universais, consistindo sempre em termos e relacionamentos entre eles. Termos são signos verbais utilizados para representar conceitos (CARLAN, 2010). Acompanhado do referente e das características deste, os termos formam o triângulo conceitual de Dahlberg (1978 *apud* CARLAN, 2010), onde o referente é determinado objeto da realidade e as características são predições verdadeiras sobre ele. Conceito é definido de diferentes formas na literatura. A definição de Dahlberg para conceito o descreve como “unidades de conhecimento, identificadas por meio de enunciados verdadeiros de um determinado objeto representados na forma verbal” (1978 *apud* CARLAN, 2010, p. 79). Abbagnamo (1970 *apud* DODEBEI, 2002) nos traz duas acepções, onde a primeira considera conceito como a própria essência da realidade. A segunda entende conceito como uma representação de um objeto e possui uma relação de significação com ele. Piedade compreende conceito como “a operação da inteligência através da qual se apreendem os caracteres essenciais daquilo que se conhece. É a representação mental do que se sabe [...]” (1983, p. 35). Por fim tem-se a definição de Cavalcanti (1978 *apud* CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 99), que concorda com Dahlberg, na qual conceito é o “conjunto de características resultantes das afirmações verdadeiras sobre determinado objeto. As características podem ser intrínsecas (essenciais) ou acidentais.”

Presente na Teoria do Conceito de Dahlberg está a noção de conceito individual, que se refere a um objeto específico, único, e conceito geral, que define uma abstração, um tipo de objeto. O conceito geral é aquele que reúne as características essenciais de um objeto, enquanto o conceito individual é a junção das características essenciais e acidentais. Fortemente ligada a essa ideia de conceito geral e individual está a noção de intensão e extensão dos conceitos. Para Dahlberg (1978, p. 105), a “intensão do conceito é a soma total das suas características especificadoras.” Já extensão do conceito pode ser entendida como “a classe dos conceitos de tais objetos dos quais se pode afirmar que possuem aquelas características em comum que se encontram na intensão do mesmo conceito” (DAHLBERG, 1978, p. 105).

Aqui cabe lembrar as categorias, que também constituem um tesouro, e são exemplos de conceitos extensos, pois englobam vários conceitos mais específicos. Como já definidos anteriormente, categorias podem ser entendidas como “[...] propriedades gerais dos conceitos, utilizadas para agrupá-los segundo características comuns [...]” (CARLAN, 2010. p. 42). Dentro das categorias é típico o relacionamento hierárquico entre os termos, porém este não é o único tipo de relação existente em um tesouro. A seguir estudaremos os relacionamentos existentes neste SOC.

A relação conceitual acontece quando há coincidência de características entre dois conceitos (DAHLBERG, 1978). Com base no trabalho de Dahlberg, Dodebei (2002) identifica cinco tipos de relações conceituais baseadas em comparações lógicas, formais, abstratas e semânticas.

O primeiro tipo de relação conceitual listada por Dodebei (2002) é a de equivalência. Ela ocorre quando um conceito pode ser representado por mais de um termo e sua principal função é controlar dispersões semânticas léxicas, quando dois termos são sinônimos ou quase sinônimos; simbólicas, nas ocasiões de grafias diferentes, abreviaturas, tradução e nomes alternativos de uma entidade, como razão social e nome fantasia de uma empresa; e sintática, na hipótese de coordenação de conceitos e gênero e número de um termo. Dodebei (2002) alerta que a relação de equivalência não está presente quando o termo se refere a dois conceitos distintos. Este evento consiste em polissemia, e sendo que neste caso a diferenciação entre os conceitos é feita através de qualificadores.

As relações hierárquicas, o segundo tipo de relação conceitual explicado por Dodebei (2002), já foram tratados neste trabalho, dessa forma apenas lembraremos que se trata da relação gênero e espécie, sendo gênero uma instância mais geral que

espécie, uma instância mais específica.

A próxima relação conceitual que Dodebei (2002) nos traz é a partitiva. Essa relação acontece entre um todo e as partes que o compõem. No nível conceitual essa relação implica que o todo inclui em sua definição os conceitos de suas partes. Relações partitivas estão presentes na identificação das partes de um objeto natural, de um produto ou unidade organizacional.

A relação de oposição, quando dois conceitos são mutuamente excludentes, não é destacada na apresentação de um tesouro, podendo os termos aparecerem na mesma hierarquia ou em categorias diversas, a depender do caso (DODEBEI, 2002).

Por fim, tem-se as relações funcionais, que existem principalmente entre conceitos relativos a processos. Ligada à valência semântica dos verbos, ou seja, “a soma dos lugares a serem preenchidos de acordo com a ligação deste conceito com outros” (DAHLBERG, 1978, p.105), a identificação deste tipo de relação requer conhecimento do campo conceitual (DODEBEI, 2002). Para entender melhor esse tipo de relação transcreveremos os exemplos dados por Dahlberg (1978, p. 105)

Há relação conceitual entre os seguintes termos:

- produção – produto – produtor – comprador
  - medição – objeto medido – fins da medição – instrumento de medição – graus de medição.
- (DAHLBERG, 1978, p. 105)

Tomando o verbo medir como exemplo, para saber a valência semântica as seguintes perguntas devem ser respondidas:

- O que é medido? A temperatura
  - Com que instrumento é medido? Um termômetro
  - De acordo com que sistema? Celsius
  - De que coisa é medida a temperatura? De uma célula viva
- (DAHLBERG, 1978, p. 105)

Pinto (*apud* DODEBEI, 2002) lista alguns princípios que podem resultar em relações funcionais:

- Causa e efeito: medicamento/cura de doenças;
- Concorrência: ensino/aprendizagem;
- Constituição: janelas/alumínio
- Agente: iluminador/iluminação

Entendido o que é um tesouro, seus tipos e do que é formado, agora estudar-se-á a metodologia de elaboração desse Sistema de Organização do Conhecimento.

A primeira etapa na construção de um tesouro é o planejamento. Segundo Carlan (2010) é nessa etapa que se realizam as seguintes tarefas:

- Definição da área do conhecimento que será representada;
- Pesquisa dos tesouros existentes sobre o tema;
- Definição do público alvo;
- Escolha das fontes de pesquisa;
- Definição da metodologia de coleta dos termos e do tipo de sistema;
- Definição da forma de apresentação;
- Especificação de recursos a serem utilizados na construção do tesouro, sejam humanos, materiais ou financeiros;
- Estabelecimento de como será feita a manutenção do tesouro.

A próxima etapa consiste na coleta dos termos. Há basicamente dois métodos para se realizar esta tarefa: o indutivo e o dedutivo (ISO; ANSI/NISO *apud* CARLAN, 2010). Segundo Dodebei (2002) o método indutivo é aquele que tem por base a literatura de uma área do conhecimento para a extração dos termos do tesouro e, pela análise da proximidade conceitual existente entre eles, criação das categorias gerais nas quais os termos serão organizados.

Já o método dedutivo se utiliza de especialistas no assunto do tesouro para identificar termos e categorias que compõem o SOC.

Dois conceitos estão intimamente ligados a cada um dos métodos. São, respectivamente, os de garantia literária e garantia do usuário. Garantia literária é o princípio segundo o qual as classes de uma linguagem documentária devem ser criadas com base na literatura da área do conhecimento representada por ela e não com base em construtos teóricos (DODEBEI, 2002). Já o princípio da garantia do usuário leva em conta os termos utilizados pelos usuários para expressar os conceitos de uma área do conhecimento e, conseqüentemente, os termos empregados na busca por informação em determinado acervo. Através de uma série de pesquisas relatadas por Dodebei (2002), vemos que esses dois métodos devem ser utilizados de forma concomitante, resultando num tesouro de base duplamente sólida.

Após a coleta dos termos passa-se para a terceira etapa na construção do tesouro, sendo esta a de controle terminológico, na qual uma série de tratamentos é realizada nas palavras coletados. É nessa etapa que se percebe fenômenos típicos da linguagem

natural como sinonímia, homografia e polissemia. É também onde se adapta a grafia dos termos quanto a gênero, número e idioma.

Em seguida, faz-se o relacionamento formal entre os termos, utilizando os seguintes códigos:

- USE e UP (usado para) para relações de equivalência;
- TG (termo genérico) e TE (termo específico) para relações hierárquicas de gênero e espécie;
- TGP e TEP para relações partitivas;
- TA (termo associado) para relações funcionais;
- NE (nota explicativa ou nota de escopo) serve para contextualizar o conceito.

Por fim, a última etapa é a divulgação do tesouro, seja por meio impresso e/ou eletrônico, ou ainda *online*.

## 2.3 Budismo

O budismo é uma religião fundada por Sidarta Gautama, monarca indiano nascido por volta do século VI a.C, mais conhecido pela alcunha de Buda, aquele que despertou. A doutrina pregada por Sidarta se expandiu por quase toda a Ásia e originou diversas escolas de pensamento. Contudo, apesar da diversidade de interpretações e escolas, é possível identificar um núcleo comum que une e fundamenta todas elas. A partir dos trabalhos de Nhat Hanh (2001), Rahula (2005) e Della Santina (2013) identifica-se esta base que une as escolas budistas e explica-se brevemente a seguir os conceitos centrais do budismo, que consistem nas Quatro Nobres Verdades, os Cinco Agregados, Originação Interdependente, Karma, Renascimento, Três Marcas da Existência, Caminho Óctuplo e as Três Joias.

### 2.3.1 Fundamentos do Budismo

No tocante aos fundamentos do budismo é impossível não falar das Quatro Nobres Verdades. Toda a doutrina budista está centrada nestes postulados sobre a existência ditos por Sidarta Gautama (SILVA; HOMENKO, 1990). São elas (SMITH; NOVAK, 2007,

SILVA; HOMENKO, 1990):

- A vida é sofrimento (*Dukkha Satya*);
- A causa do sofrimento é o desejo (*Samudaya Satya*);
- O sofrimento pode ser cessado (*Nirodha Satya*);
- Existe um caminho para cessação do sofrimento (*Magga Satya*).

Na Primeira Nobre Verdade (PNV) o Buda diz que a vida é permeada de sofrimento (*dukkha* em páli, *duhkha* em sânscrito). Contudo, a tradução do termo *dukkha* como sofrimento não é totalmente fiel ao significado depreendido dos discursos do Buda. Como visto em Silva e Homenko (1990), este termo carrega em si significados mais profundos do que o expresso nas traduções em línguas ocidentais. Além de sofrimento, estão implícitos os conceitos de “impermanência, insatisfatoriedade, imperfeição, conflito, não-substancialidade ou impessoalidade” (SILVA; HOMENKO, 1990 p. 40-41). Significando originalmente rodas cujos eixos estavam fora dos eixos, ou ainda ossos deslocados, alguns autores preferem traduzir a Primeira Nobre Verdade como “A vida está deslocada” (SMITH; NOVAK, 2007, p. 42). Outros autores preferem não traduzir o termo para não se criar mal-entendidos (RAHULA, 2005). Ao explicar a PNV, o Buda indicava precisamente em quais momentos da vida *dukkha* se fazia presente, sendo no nascimento, na doença, no envelhecimento, na morte, quando em contato com o que não é agradável, e por fim quando se separa daquilo que é agradável (SMITH; NOVAK, 2007). Buda também identificava três aspectos de *dukkha*: o aspecto físico (*dukkha-dukkha*), o aspecto psicológico (*viparinama-dukkha*) e o aspecto filosófico (*sankhara-dukkha*) (SILVA; HOMENKO, 1990). O que se conclui sobre esses momentos em que encontramos *dukkha*, o que está por trás do sofrimento sentido nesses momentos é a impermanência (*anicca* em páli, *anitya* em sânscrito) inerente a tudo na existência, inclusive a nós mesmos. E para demonstrar nossa impermanência, como também nossa insubstancialidade ou vazio de um eu, Buda analisa a composição dos seres e explica os cinco agregados (*khandha* em páli, *skandha* em sânscrito): forma (*rupa*), sensações (*vedana*), percepções (*samjna*, em páli *sanna*), formações mentais (*samskara*, em páli *sankhara*) e consciência (*vijnana*, em páli *vinnana*). Assim, o sofrimento surge quando nos apegamos a nós mesmos, acreditando erroneamente que somos uma essência imutável e real, quando na verdade somos impermanentes, insubstanciais, e um composto interdependente de agregados (SMITH; NOVAK, 2007).

Esse apego que nos faz sentir *dukkha* leva à Segunda Nobre Verdade (SNV). Nela temos a causa do sofrimento, o desejo (*tanha* em páli, *trishna* em sânscrito). Porém, mais uma vez a tradução do termo elimina sutilezas do termo original. *Tanha* refere-se ao desejo de satisfazer o nosso próprio ego (SMITH, NOVAK, 2007). Significando literalmente sede, *tanha* está intimamente ligada ao surgimento do ciclo de nascimentos e mortes, o *samsara*. Portanto, *tanha* está ligada à Origem Dependente (*paticca-samuppada* em páli, *pratityasamutpada* em sânscrito) (RAHULA, 2005), processo cíclico composto por doze elos (*nidana*) que dão origem à nossa realidade. A seguir veremos o desencadeamento deste processo (SILVA; HOMENKO, 1990, p. 167):

1. POR CAUSA DA IGNORÂNCIA (INCOMPREENSÃO DA IMPERMANÊNCIA), HÁ INDIVIDUALIDADE E ILUSÃO DE UM EU – *Avidya*.
2. ATRAVÉS DA INDIVIDUALIDADE ESTÃO CONDICIONADAS AS AÇÕES VOLITIVAS OU FORMAÇÕES CÁRMICAS – *Samkhara*.
3. ATRAVÉS DAS AÇÕES VOLITIVAS (CÁRMICAS) SURGE A CONSCIÊNCIA OU CONHECIMENTO – *Vijnana*.
4. POR CAUSA DA CONSCIÊNCIA, HÁ NOME E FORMA, ou através da consciência estão condicionados os fenômenos físicos e mentais – *Nama-rupa*.
5. POR CAUSA DO NOME E FORMA, HÁ OS SEIS SENTIDOS, ou através dos fenômenos mentais e físicos (mente e corpo) estão condicionadas as seis faculdades sensoriais: visão, audição, olfato, tato, paladar e faculdade do órgão da mente – *Sadaytana*.
6. POR CAUSA DOS SENTIDOS HÁ O CONTATO – *Sparsa*.
7. POR CAUSA DO CONTATO, HÁ SENSAÇÃO – *Vedana*.
8. POR CAUSA DA SENSAÇÃO, HÁ DESEJOS – *Tanha*.
9. POR CAUSA DOS DESEJOS, HÁ APEGO – *Upadana*.
10. POR CAUSA DO APEGO, HÁ EXISTÊNCIA INDIVIDUAL (de um “eu”), ou através do apego surge o condicionamento do processo de vir-a-ser, *Bhava*.
11. POR CAUSA DA EXISTÊNCIA INDIVIDUAL, HÁ EXISTÊNCIA TERRENA, ou através do processo de vir-a-ser surge o processo cármico (nascimento) – *Jati*.
12. POR CAUSA DA EXISTÊNCIA TERRENA, HÁ DECADÊNCIA E MORTE, ou através do renascimento ficam condicionados; a decadência, a velhice, a morte, lamentações, sofrimentos, tristezas e desespero – *Jamarana*.

Na Terceira Nobre Verdade (TNV) Buda fala da condição onde *dukkha* não existe mais, o *Nirvana*. Para se eliminar *dukkha* é preciso cortar sua raiz, *tanha*. Dessa forma, *Nirvana* também é conhecido como *Tanhakkhaya*, a extinção da sede (RAHULA, 2005). Buda dizia que o estado de *Nirvana* não pode ser descrito com palavras, porém podemos defini-lo como o estado em que não há mais a ilusão de um eu pessoal (SILVA; HOMENKO, 1998).

Seguindo para a Quarta Nobre Verdade (QNV) tem-se o caminho para se chegar ao *Nirvana*, o Nobre Caminho Óctuplo (NCO), o Caminho do Meio. O NCO é dividido em

três tipos de disciplinas, moralidade (*sila*), meditação (*samadhi*) e sabedoria (*panna* em páli, *prajna* em sânscrito) (SILVA; HOMENKO, 1990). Em moralidade temos os fatores da Palavra Correta, Ação Correta e Meio de Vida Correto. É nessa etapa que se toma os preceitos básicos do budismo. Na disciplina de meditação temos o Esforço Correto, Atenção Correta e Concentração Correta. Já na disciplina da sabedoria temos o Pensamento Correto e a Compreensão Correta.

Concluídas as Quatro Nobres Verdades pode-se falar dos três princípios universais que permeiam a doutrina budista, de certa forma já abordados. As três Marcas da Existência consistem em *anicca* (impermanência), *dukkha* (sofrimento ou insatisfação) e *anatta* (não-eu, insubstancialidade) (SMITH; NOVAK, 2007). Apesar de negar *atman* (alma) com a doutrina do não-eu, o budismo crê em renascimento. Diferentemente do hinduísmo em que a alma transmigra de um corpo a outro, no budismo o que gera uma nova vida é o *karma* anterior. *Karma* (em páli, *kamma*), por sua vez, é entendido no budismo como ações volitivas realizadas com o corpo, a mente ou a fala. Essas ações volitivas produzem frutos, que podem ser bons (*kusala*) ou maus (*akusala*), sendo esses conceitos relativos (SILVA; HOMENKO, 1990).

Por fim, concluindo os conceitos centrais do budismo, tem-se as Três Joias, a quem o budista se refugia quando adota essa religião. Consistem no Buda, referindo-se tanto a Sidarta Gautama enquanto mestre como o ideal buscado com a prática budista, no *Dharma*, o ensinamento de Buda codificado no *Tipitaka* (*Tripitaka* em sânscrito) na forma de *Sutras* (*Suttas*, em páli) no *Vinaya* (a disciplina monástica) e no *Abhidharma* (tratados sobre a psicologia budista), e no *Sangha*, a comunidade budista de leigos e monásticos (YOSHINORI, 2006). A seguir estudaremos brevemente as escolas budistas, suas principais ramificações e diferenças.

### 2.3.2 As escolas budistas

Ao longo de sua história o budismo sofreu dezenas de divisões, seja por diferenças ideológicas, seja pela expansão geográfica. Pode-se classificar essas divisões primeiramente em veículos, grandes ramos que abarcam as escolas, tradições e linhagens do budismo. Escolas, como definido por Sasaki (2004), são correntes de pensamento mais específicos, implicando em instituições que adotam um conjunto de posturas doutrinárias e práticas religiosas definidas. Tradição é uma forma de se referir às formas de budismo desenvolvidas nos países em que ele se instalou, como budismo

chinês e budismo tibetano, por exemplo. Já linhagem, segundo entendido por Sasaki (2004), refere-se à linha de transmissão de ensinamentos entre mestre e discípulos.

Hoje é possível classificar as escolas budistas em três grandes veículos, *Theravada*, *Mahayana* e *Vajrayana*. O *Theravada*, assim como um conjunto de escolas ortodoxas inexistentes hoje em dia, também é chamado pejorativamente de *Hinayana* (*Hina*, pequeno, medíocre. *Yana*, veículo). Este ramo do budismo se apoia no Cânone Páli, que não inclui alguns sutras seguidos pelas escolas do *Mahayana* e *Vajrayana*. Diferentemente dos outros dois veículos do budismo, o *Theravada* não se desdobra em escolas, mas apenas em tradições regionais, existindo assim o *Theravada* tailandês, birmanês, cingalês, etc (SASAKI, 2004).

Apesar de possuírem a base comum anteriormente enumerada, estes grandes ramos do budismo possuem diferenças marcantes, principalmente entre *Theravada* e *Mahayana*. Uma das principais diferenças está no conceito de *bodhissatva* (*bodhisatta* em páli). Enquanto no *Theravada* *bodhisattva* é o ser que está trabalhando para alcançar a iluminação como um Buda plenamente desperto, no *Mahayana* a figura do *bodhissatva* assume um papel diferente, sendo o ser que desiste do próprio despertar para antes salvar todos os seres do sofrimento (SMITH; NOVAK, 2007; YUICHI, 2006).

Segundo Redyson (2014), outras grandes diferenças entre *Theravada* e *Mahayana* são a aceitação da doutrina de giros da roda do *Dharma*, na qual os ensinamentos dados pelo Buda aconteceram por etapas progressivas, e na postura frente às regras monásticas, sendo o *Theravada* mais conservador e o *Mahayana* mais liberal. Já a diferença entre o *Mahayana* e *Vajrayana* reside muito mais na metodologia de meditação do que em diferenças doutrinárias (DELLA SANTINA, 2013). O *Vajrayana* é conhecido por ser o veículo dos ensinamentos esotéricos, os *Tantras*. Compreendendo as escolas tibetanas e algumas chinesas e japonesas, o *Vajrayana* é também visto como parte do *Mahayana*.

Tratando das escolas pertencentes a cada ramo do budismo, temos no sudeste asiático as várias linhagens *Theravada* como representantes deste ramo. No *Mahayana* temos um conjunto difuso de escolas. Pertencem a este ramo em suas variantes regionais das escolas da Terra Pura, Ch'an, Zen, Son, Thien, Tendai, T'ien T'ai, Nichiren e dezenas de outras surgidas na China, Japão, Coréia, Vietnam e leste asiático. Aqui a diferença se dá pela ênfase que cada escola dá a um determinado sutra, grupo de sutras ou práticas, havendo pouca diferença doutrinária. No que compreende o *Vajrayana* temos as escolas tibetanas, e algumas chinesas e japonesas, como a nipônica *Shingon*. (REDYSON, 2014;

YOSHINORI, 2006; YOSHINORI, 2007).

Após a análise do desenvolvimento das escolas budistas feita na obra de autores como Yoshinori (2006; 2007), Smith e Novak (2007), Redyson (2014) e brevemente enumerada aqui vê-se que a grande diferença doutrinária entre as escolas budistas se dá entre *Theravada* e *Mahayana*. Contudo, ainda é possível encontrar pontos em comum entre estes ramos do budismo. Já a diferença entre as escolas do *Mahayana* e *Vajrayana* se dá pela diferença de idiomas e algumas ênfases doutrinárias. A diferença de idiomas também é sentida entre *Theravada* e *Mahayana*. Como demonstrado aqui, *Theravada* se utiliza de termo em páli, enquanto o *Mahayana*, quando não fala em sua língua regional, prefere os termos em sânscrito. Assim, o controle terminológico realizado neste trabalho deverá focar na identificação de termos equivalentes quer seja em páli ou sânscrito e diferenciar quando um conceito não for idêntico de acordo com a escola, como é o caso dos termos *bodhissatva* e *bodhissata*.

### 3 Metodologia

A pesquisa aqui realizada é do tipo qualitativa. O objeto de estudo é um tesauro sobre Budismo. Para dar suporte à pesquisa aqui registrada foi realizada uma revisão de literatura sobre sistemas de organização do conhecimento, tesouros e budismo. O tesauro aqui desenvolvido é monolíngue, focado nas escolas budistas que reverenciam as Três Jóias do budismo, pregam as Quatro Nobres Verdades, os Cinco Agregados, a Originação Interdependente, Karma, Renascimento, Três Marcas da Existência, Caminho Óctuplo e adotam uma postura não-sectária. Foram utilizadas fontes secundárias e primárias na extração dos termos que compõe o tesauro, seguindo o processo indutivo de coleta de termos. Para se chegar ao presente resultado seguiu-se os seguintes passos:

- Identificar as escolas budistas que atendem aos critérios de reverenciar as Três Jóias do budismo, pregar as Quatro Nobres Verdades, os Cinco Agregados, a Originação Interdependente, Karma, Renascimento, Três Marcas da Existência, Caminho Óctuplo e adotar uma postura não-sectária;
- Pesquisar tesouros sobre budismo;
- Delimitar o público-alvo do tesauro;
- Selecionar uma ferramenta para o desenvolvimento do tesauro;

- Escolher fontes ligadas às escolas budistas anteriormente identificadas;
- Coletar os termos empregados nas fontes escolhidas, consistindo num processo indutivo de coleta;
- Analisar os significados e equivalências indicadas nas fontes;
- Optar por um idioma preferencial, porém não exclusivo, que una as escolas budistas de forma mais imparcial possível;
- Efetuar os relacionamentos entre termos equivalentes, relacionados e que pertencem a uma hierarquia de conceitos;
- Reunir os termos em categorias;
- Disponibilizar o tesouro online em forma de texto e arquivo do software empregado na construção do mesmo.

## 4 Desenvolvimento

Primeiramente foi escolhido o tema, Budismo. Em seguida foram delimitadas as escolas que se apoiam nos princípios já citados, excetuando assim escolas e organizações como a Soka Gakkai, Nichiren Shoshu e New Kadampa Tradition.

Ao pesquisarmos tesouros sobre budismo não encontramos nenhum que estivesse disponível para consulta, apenas uma citação na internet da existência de um como resultado de um trabalho acadêmico (LOUIE, 2003), mas sem acesso livre ou mesmo link.

Como resultado da etapa de delimitação do público-alvo deste tesouro, decidimos que este consiste nos praticantes do budismo que desejam organizar documentos referentes a essa área do conhecimento a fim de facilitar o acesso a estes documentos, e assim facilitar o entendimento desta religião de forma global e não sectária. Dessa forma, fazem parte do público-alvo deste trabalho bibliotecas de centros e templos budistas com postura não sectária, abarcando obras de diferentes escolas.

O software escolhido foi o MultiTes, o qual foi conhecido na disciplina Linguagens Documentárias cursada pelo autor deste trabalho. O software foi escolhido porque atendia a todos os requisitos necessários para a realização deste trabalho, por ser de fácil operação e por sua disponibilidade.

A extração dos termos teve como base as obras de Yoshinori (2006; 2007) por sintetizarem toda a história e doutrina budista, além de contar com autores renomados no rol de colaboradores. Também pesou o fato das obras possuírem caráter acadêmico e não tanto doutrinário. Além das obras de Yoshinori, serviram de suporte o livro de Silva e

Homenko (1990) e Rahula (2005). Também auxiliaram na coleta de termos a enciclopédia *online* Rigpa Wiki<sup>2</sup>, o site Acesso ao Insight<sup>3</sup> e o glossário do Colegiado Budista Brasileiro<sup>4</sup>. Confiou-se nestes sites, pois todos são mantidos e operados por instituições idôneas e com conhecimento sobre budismo.

A coleta do termo se orientou pelos glossários e índices das obras de Yoshinori (2006; 2007), porém verificou-se a relevância dos termos realizando a leitura do texto relacionado ao termo.

Quanto ao controle terminológico, optamos por dar preferência à forma em sânscrito do termo, uma vez que as escrituras neste idioma dão suporte a um maior número de escolas, e por estas serem mais expressivas neste país. Contudo, quando a forma em páli é a mais conhecida ou utilizada, como é o caso de *Dukkha*, optou-se por utilizá-la como termo autorizado. Também utilizou-se outros idiomas quando o termo é mais utilizado nestes, porém relacionamos com o termo em sânscrito ou nas demais línguas presentes neste tesouro. Quando não alteraria o sentido do termo, optou-se pela forma no singular e no masculino do termo, com a primeira letra maiúscula e as demais minúsculas, mesmo em termos compostos, excetuando os casos de nomes próprios. O relacionamento entre termos se deu principalmente pela equivalência linguística, relações partitivas, relações hierárquicas e relações semânticas. Uma parte considerável dos termos de escolas pertencentes a um mesmo veículo pôde ser relacionada mediante equivalência linguística. Outros termos não estavam qualificados para este tipo de relacionamento, como é o caso de *Amida* (japonês) e *Amitabha* (sânscrito) por possuírem pequenas variações de significados em suas escolas, estabelecendo-se assim relacionamento semântico. Alguns termos aparentemente diversos uns dos outros também puderam ser relacionados, como é o caso de *Buddhanussati* e *Nenbutsu*, duas práticas de escolas bem distintas, porém mediante análise conceitual verificou-se a semelhança entre elas.

As siglas dos relacionamentos permaneceram em inglês, sendo as traduções *Broader Term* (BT) para Termo Genérico (TG), *Narrower Term* (NT) para Termo Específico (TE), *Related Term* (RT) para Termo Relacionado (TR), *Used For* (UF) para Usado Para (UP) e *Subject Category* (SC) para Categoria. A sigla USE possui o mesmo sentido nos dois idiomas. À medida que os termos foram incluídos realizou-se o relacionamentos com outros termos, mediante à análise conceitual.

---

<sup>2</sup> [http://www.rigpawiki.org/index.php?title=Main\\_Page](http://www.rigpawiki.org/index.php?title=Main_Page)

<sup>3</sup> <http://www.acessoaoinsight.net/index.htm>

<sup>4</sup> <http://cbb.bodhimandala.com/>

Como exemplos dos relacionamentos presentes no tesouro, temos:

#### Dzogchen

SC: Meditação

RT: Mahamudra

Nyingma

Shikan taza

Zazen

Aqui vê-se diferentes tipos de meditações de diferentes escolas estabelecendo um relacionamento após a análise conceitual das mesmas.

#### Klesa

SC: Abstrações

RT: Karma

Tanha

Já aqui vê-se conceitos do budismo que estão intimamente conectados semanticamente.

#### Nenbutsu

SC: Práticas

UF: Nien-fo

Nyombul

RT: Buddhanussati

Aqui está um termo que possui relacionamentos de equivalência linguística e também um relacionamento semântico com outro termo de uma escola diversa, mostrando ser possível o diálogo entre escolas diferentes.

#### Budismo japonês

SC: Escolas

RT: Dogen

Honen

Jodo Shinshu  
Jodo Shu  
Kukai  
Mahayana  
Monte Hiei  
Nagarjuna  
Nichiren  
Nichiren Shu  
Obaku Shu  
Rinzai Zen  
Saicho  
Shingon  
Shinran  
Shotaku Taishi  
Soto Zen  
Tendai  
Zen

Com termos como o reproduzido acima será possível facilitar a busca por informação, uma vez que eles possuem uma extensa rede de relacionamentos.

Anapana

SC: Meditação

RT: Dhyana (meditação)

Samadhi

Samatha

Por fim, temos o termo acima que, ao contextualizar um tipo de meditação, torna mais clara a natureza desta prática, dessa forma auxiliando o entendimento sobre a mesma.

As categorias empregadas no tesauro foram:

- Abstrações: compreendendo conceitos abstratos sobre a realidade;
- Escolas: abarcando as escolas budistas;

- Escrituras: aqui encontra-se termos relativos ao cânone budista, bem como obras influentes e de grandes mestres.
- Lugares: aqui estão inclusos desde lugares teóricos, como o Samsara, até tipos de estabelecimentos como Viharas;
- Meditação: nesta categoria incluímos tipos de meditação e estados mentais associados.
- Personalidades: abarca personalidades reais, como Shinran, e deidades, como Amitabha, além de incluir tipos de seres, como pretas, bodhisattvas e devas. Resolveu-se não dividir esta categoria em pessoas históricas e pessoas lendárias pois é difícil afirmar se algumas personalidades de fato existiram, como é o caso de Bodhidharma. E algumas escolas acreditam na literaridade de certas deidades, como Amitabha.
- Práticas: nesta categoria incluímos práticas e rituais que não são propriamente uma meditação e termos relacionados a elas.

Por meio da coleta e relacionamentos dos termos percebe-se a complexidade e extensão do budismo, como esta religião possui ricas elaborações filosóficas, correntes de pensamento complexas e sofisticadas. Porém, percebeu-se que é possível encontrar consensos entre escolas aparentemente sem pontos em comum. Através da coleta de termos também percebeu-se que um fator relevante que interfere na comunicação entre as escolas são os diversos idiomas por elas utilizados. Dessa forma, escolheu-se um idioma preferencial que em certa medida é neutro, o sânscrito, e reuniu-se os termos das escolas abordadas. Há também diferenças conceituais entre termos de escolas diferentes, mas após análise conceitual foi possível estabelecer relacionamentos entre eles.

## 5 Conclusão

Para a construção deste trabalho foi primeiramente necessário delimitar o que caracteriza uma escola budista. Esta definição foi necessária, pois existem novas religiões que clamam para si o título de budistas, porém seu corpo doutrinário nada tem a ver com outras formas de budismo. Também foi preciso delimitar o que define uma escola budista para que se demonstrasse o núcleo comum e as possibilidades de diálogo entre as diversas formas de budismo. Além dos critérios doutrinários, também se incluiu a não sectariedade, pois uma postura sectária iria totalmente contra o espírito desta obra.

Entendidos os princípios que regem este trabalho, escolhemos fontes que respeitassem a diversidade de escolas existentes no budismo e que de alguma forma englobassem todas. Após a escolha de fontes não-sectárias, foi feito o levantamento dos termos e posteriormente a análise conceitual e o estabelecimento dos relacionamentos. Ao estabelecer relacionamentos entre termos de diferentes escolas cumpriu-se o objetivo deste trabalho, uma vez que se utilizando de qualquer variação terminológica de um conceito será possível recuperar documentos de escolas diversas, concretizando, assim, um diálogo entre escolas.

No que tange aos fatores que interferem na comunicação entre escolas, o primeiro a se destacar é a diversidade de idiomas em que se fala sobre budismo. Este fator resolve-se com a simples indicação de equivalência entre os termos. Contudo, este não é o único fator identificado neste trabalho, existindo também variações conceituais entre termos, mas que ainda assim possibilitam o estabelecimento de relações entre os termos.

Por exemplo, temos os termos *Nenbutsu*, conhecido principalmente como prática da escola Jodo Shinshu, e *Buddhanussati*, meditação da escola Theravada. O *Nenbutsu*, literalmente plena atenção no Buda, consiste na repetição de uma fórmula (*Namu Amida Butsu*) para se atingir um estado mental de completa confiança e tranquilidade. Esta fórmula consiste no nome de um Buda (Amida) com a declaração de confiança nele (*Namu*). Ao repetir essa fórmula almeja-se renascer no mundo paradisíaco criado por esse Buda, onde se alcançará a iluminação mais facilmente. Já *Buddhanussati*, literalmente lembrar-se do Buda, é uma meditação que consiste na lembrança dos atributos de um Buda, o que acalma a mente e se praticado com diligência pode proporcionar o renascimento em um reino superior onde quem lá surge alcança a iluminação em apenas uma vida. Vemos, assim, que é possível haver semelhanças relevantes entre dois termos de escolas diferentes.

Podemos concluir dessa relação, que se repete com outros termos, como Mahamudra, Shitan kaza e Dzogchen, que outro fator que interfere na comunicação entre escolas são diferentes formas de se transmitir um mesmo princípio, diferentes figuras de linguagem típicas de seus Veículos e escolas, e que a depender de onde e quando foram desenvolvidas sofreram alguma modificação conceitual, porém não ao ponto de se inviabilizar o relacionamento com termos de outras escolas e Veículos.

Concluimos, assim, afirmando ser plenamente possível o relacionamento entre termos de diferentes escolas, como de fato ocorreu neste trabalho. Identificamos também os fatores que interferem na comunicação entre as escolas, consistindo nos diferentes idiomas utilizados na teorização do Budismo, bem como diferentes formas de expor um ensinamento a depender do Veículo e da escola.

## Referências

BOCCATO, Vera Regina Casari. Os sistemas de organização do conhecimento nas perspectivas atuais das normas internacionais de construção. **Incid: revista de ciência da informação e documentação**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p.165-192, Não é um mês valido! 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42340/46011>>. Acesso em: 24 ago. 2014.

BRASCHER, Marisa; CAFÉ, Lígia. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: ENANCIB, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** . São Paulo: Ancib, 2008. p. 1 - 14. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br/media/dissertacao/1835.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2013.

BRÄSCHER, Marisa; CARLAN, Eliana. Sistemas de organização do conhecimento: antigas e novas linguagens. In: ROBREDO, Jaime; BRÄSCHER, Marisa. **Passeios no bosque da informação: estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento**. Brasília: Ibict, 2010. Cap. 8, p. 147-176. Disponível em: <<http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/36/1/eroic.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2013.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Ministério de Ciência e Tecnologia. **Diretrizes para elaboração de tesouros multilingües**. Brasília: Ibict, 1984. 70 p. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/handle/1/995>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

CARLAN, Eliana. **Sistemas de Organização do Conhecimento: uma reflexão no contexto da Ciência da Informação**. 2010. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <[http://bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=6628](http://bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6628)>. Acesso em: 14 fev. 2013.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2008. 451 p

CURRÁS, Emilia. **Ontologias, taxonomia e tesouros em teoria de sistemas e sistemática**. Brasília: Thesaurus, 2010. 182 p.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p.101-107, dez. 1978. Disponível em:  
<<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewFile/1680/1286>>. Acesso em: 24 ago. 2014.

DELLA SANTINA, Peter . **The Tree of Enlightenment**. Taipei: The Corporate Body Of The Buddha Educational Foundation, 2013. 353 p

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. 2. ed. Brasília: Intertexto, 2002. 119 p.

GOMES, Hagar Espanha (Org.). **Manual de elaboração de tesouros monolíngues**. Brasília: Programa Nacional de Bibliotecas de Instituições de Ensino Superior, 1990.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Conceitos de Organização e Representação do Conhecimento na ótica das reflexões do Grupo Temma. **Informação & Informação**, Londrina, v. 16, n. 2, p.92-121, jan./jun. 2011. Disponível em:  
<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10391/9285>>. Acesso em: 14 fev. 2013.

LOUIE, Aaron J.. **Buddhist Thesaurus**. 2003. Disponível em:  
<<http://www.aaronlouie.com/Portfolio/Intellectual/BuddhistThesaurus/index.html>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

NHAT HANH, Thich . **A essência dos ensinamentos de Buda**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. 318 p.

PIEIDADE, M. A. Requião. **Introdução à teoria da classificação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1983. 221 p.

RAHULA, Walpola. **O ensinamento de Buda**. Lisboa: Editorial Estampa, 2005. 252 p.

REDYSON, Deyve. Budismo: da Índia para Mundo. O Buddha, o Dharma e a Sangha. **Rever: Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 14, n. 1, p.153-278, jan. 2014. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/20284/15060>>. Acesso em: 24 nov. 2014.

SALES, Rodrigo de. Suportes teóricos para pensar linguagens documentárias. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 5, n. 1, p.95-114, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/373/252>>. Acesso em: 14 fev. 2013.

SASAKI, Ricardo. **A que escola pertencço?**: um guia para quem está se interessando pelo Buddhismo. 2004. Disponível em: <<http://nalanda.org.br/primeiros-passos/a-que-escola-pertenco>>. Acesso em: 04 dez. 2014.

SILVA, Georges da; HOMENKO, Rita. **Budismo**: Psicologia do autoconhecimento (o caminho da correta compreensão). São Paulo: Pensamento, 1990. 306 p

SMITH, Huston; NOVAK, Philip. **Budismo**: Uma introdução concisa. São Paulo: Cultrix, 2007. 207 p.

SOUZA, Sebastião de. **CDU**: como entender e utilizar a 2ª edição-padrão internacional em língua portuguesa. Brasília: Thesaurus, 2009. 162 p.

YOSHINORI, Takeuchi (Org.). **A espiritualidade budista**: Índia, sudeste asiático, Tibete e China primitiva. São Paulo: Perspectiva, 2006. 473 p

YOSHINORI, Takeuchi (Org.). **A espiritualidade budista**: China mais recente, Coréia, Japão e mundo moderno. São Paulo: Perspectiva, 2007. 576 p

YUICHI, Kajiyama. O prajnaparamita e o surgimento da tradição Mahayana. In: YOSHINORI, Takeuchi (Org.). **A espiritualidade budista**: Índia, sudeste asiático, Tibete e China primitiva. São Paulo: Perspectiva, 2006. Cap. 7.I. p. 153-171.

**Anexo****Anexo A – Lista alfabética do Microtesauro sobre Budismo**

Abhidharma-hrdata

SC: Escrituras

RT: Sarvastivada

Abhidharma-kosa

SC: Escrituras

RT: Vasubandhu

Abhidharma pitaka

SC: Escrituras

BT: Tripitaka

NT: Atthasalini

Dhammasangani

Dhatukatha

Kathavatthu

Pancappakarana-atthakattha

Patthana

Puggalapannatti

Sammoha-vinodani

Vibhanga

Yamaka

Abhidharmakosabhasya

SC: Escrituras

RT: Vasubandhu

Abhiseka

SC: Práticas

RT: Shingon

Abidharma

SC: Escrituras

UF: Lon

Lun

Ron

Sastra

RT: Buddhadatta

Dharmaskandha

Sanghitiparyaya

Acalanatha

SC: Personalidades

UF: Fudo-myoo

Ação correta

SC: Abstrações

BT: Nobre Caminho Óctuplo

Sila

Acariya Cha

SC: Personalidades

RT: Theravada

Acariya Maha Boowa

SC: Personalidades

RT: Theravada

Acariya Mun

SC: Personalidades

RT: Theravada

Acarya

SC: Personalidades

UF: Achaan

Ajahn

Achaan

SC: Personalidades

USE: Acarya

Acitakka

SC: Meditação

Adentrando a prática do despertar

SC: Escrituras

USE: Bodhicaryavatara

Bodisatvacaryavatara

Adhikarana samatha

SC: Escrituras

BT: Suttavibhanga

Adi-Buddha

SC: Personalidades

USE: Samantabhadra

Aditthana

SC: Abstrações

BT: Parami

Agama

SC: Escrituras

RT: Nikaya

Sutra Pitaka

Ahimsa

SC: Abstrações

Ajahn

SC: Personalidades

USE: Acarya

Ajikan

SC: Meditação

RT: Shingon

Aksobhya

SC: Personalidades

RT: Dhyani buddha

Alaya-vijnana

SC: Abstrações

Alegria

SC: Abstrações

UF: Priti

Amida

SC: Personalidades

RT: Amitabha

Mahasthamaprapta

Shinjin

Shojoju

Tariki

Terra Pura

Amitabha

SC: Personalidades

RT: Amida

Amitayus

Avalokiteshvara

Dharmakara

Dhyani buddha

Mahasthamaprapta

P'howa

Amitayus

SC: Personalidades

RT: Amitabha

Dharmakara

Amizade

SC: Abstrações

UF: Maitri

RT: Metta

Amoghasiddhi

SC: Personalidades

RT: Dhyani buddha

An Lu-shan

SC: Personalidades

RT: Budismo chinês

An Shih-kao

SC: Personalidades

RT: Budismo chinês

Ananda

SC: Personalidades

RT: Buda

Sidarta Gautama

Anapana

SC: Meditação

RT: Dhyana (meditação)

Samadhi

Samatha

Anatman

SC: Abstrações

UF: Anatta

Muga

RT: Atman

Primeira Nobre Verdade

Anatta

SC: Abstrações

USE: Anatman

Anawratha

SC: Personalidades

RT: Theravada

Ancho

SC: Personalidades

RT: Budismo chinês

Anguttara Nikaya

SC: Escrituras

BT: Sutra Pitaka

Anicca

SC: Abstrações

USE: Anitya

Anitya

SC: Abstrações

UF: Anicca

RT: Primeira Nobre Verdade

### Aniyata

SC: Escrituras

BT: Suttavibhanga

### Anjin

SC: Meditação

RT: Terra Pura

### Anuruddha

SC: Personalidades

RT: Theravada

Visuddhimagga

### Anusmrti

SC: Meditação

### Anuttarayoga

SC: Escrituras

BT: Tantra

### Arada Kalama

SC: Personalidades

### Arahant

SC: Personalidades

UF: Arhat

### Arhat

SC: Personalidades

USE: Arahant

### Arya-marga

SC: Abstrações

USE: Nobre caminho

Aryadeva

SC: Personalidades

RT: Buddhapalita

Candrakirti

Madhyamika

Asanga

SC: Personalidades

RT: Vasubandhu

Yogacara

Ascetismo

SC: Práticas

Ashura

SC: Personalidades

Asoka

SC: Personalidades

RT: Dhamma raja

Theravada

Asubha-bhavana

SC: Meditação

USE: Cultivo do horrível

Asvabhava

SC: Personalidades

RT: Madhyamika

Yogacara

Atenção

SC: Abstrações

Meditação

UF: Smrti

Atenção plena

SC: Meditação

UF: Mindfulness

Sati

Smrti

Atenção plena correta

SC: Abstrações

Meditação

BT: Nobre Caminho Óctuplo

Samadhi

Atisa

SC: Personalidades

RT: Mahayana

Vajrayana

Atman

SC: Abstrações

RT: Anatman

Atthakavaga (Sutta)

SC: Escrituras

RT: Sutta Nipata

Theravada

Atthasalini

SC: Escrituras

BT: Abhidharma pitaka

RT: DhammaSanghani

Vibhanga

## Avalokiteshvara

SC: Personalidades

UF: Cherenzig

Kannon

Kanzeon

Kuan Yin

RT: Amitabha

Mahasthamaprapta

## Avatamsaka Sutra

SC: Escrituras

UF: Kegon

RT: Hua-yen (escola)

Kegon (escola)

## Aversão

SC: Abstrações

USE: Dvesha

## Avidya

SC: Abstrações

UF: Ignorância

BT: Pratityasamutpada

## Baram Kagyu

SC: Escolas

BT: Kagyu

## Bardo

SC: Abstrações

RT: Kagyu

Naropa

Vajrayana

Bhaisajyaraja

SC: Personalidades

USE: Buda da Medicina

Bhaisajyasamudgata

SC: Personalidades

RT: Sutra do Lótus

Bhava

SC: Abstrações

BT: Prativityasamutpada

Bhavana

SC: Meditação

USE: Cultivo

Bhavaviveka

SC: Personalidades

RT: Madhyamika

Bhikkhu

SC: Personalidades

UF: Bhikshu

Bhikkhuni

SC: Personalidades

UF: Bhikshuni

Bhikshu

SC: Personalidades

USE: Bhikkhu

Bhikshuni

SC: Personalidades

USE: Bhikkhuni

Bhumi

SC: Abstrações

Bimbisara

SC: Personalidades

RT: Buda

Sidarta Gautama

Bodai

SC: Meditação

USE: Iluminação

Bodhi

SC: Meditação

USE: Iluminação

Bodhicaryavatara

SC: Escrituras

UF: Adentrando a prática do despertar

Bodhicitta

SC: Meditação

Bodhidharma

SC: Personalidades

RT: Ch'an (escola)

Zen

Bodhisatta (Theravada)

SC: Personalidades

RT: Bodhisattva (Mahayana)

Bodhisattva (Mahayana)

SC: Personalidades

UF: Bosatu

RT: Bodhisatta (Theravada)

Bodisatvacaryavatara

SC: Escrituras

UF: Adentrando a prática do despertar

Bom rei

SC: Personalidades

USE: Deva raja

Bosatu

SC: Personalidades

USE: Bodhisattva (Mahayana)

Brahmaviharas

SC: Meditação

Buda

SC: Personalidades

UF: Buddha

Shakyamuni

Tathagata

BT: Triratna

RT: Ananda

Bimbisara

Buda (estado)

Dipamkara

Rahula

Sadaparibhuta

Sidarta Gautama

**Buda (estado)**

SC: Personalidades

UF: Butsu

Nyorai

Samma-sambuddha

Samyaksam-buddha

RT: Buda

Mahakaruna

Pratyekabuddha

Sambodhi

Trikaya

**Buda da Medicina**

SC: Personalidades

UF: Bhaisajjaraja

**Buddha**

SC: Personalidades

USE: Buda

**Buddha-dharma**

SC: Abstrações

USE: Budismo

**Buddhadasa Bhikkhu**

SC: Personalidades

RT: Theravada

**Buddhadatta**

SC: Personalidades

RT: Abidharma

Theravada

**Buddhadhatu**

SC: Abstrações

UF: Buddhagotra

Buddhata

Bulsong

Bussho

RT: Tathagatagarbha

**Buddhaghosa**

SC: Personalidades

RT: Theravada

Visuddhimagga

**Buddhagotra**

SC: Abstrações

USE: Buddhadhatu

**Buddhanussati**

SC: Meditação

RT: Nenbutsu

Theravada

**Buddhapalita**

SC: Personalidades

RT: Aryadeva

Nagarjuna

**Buddhata**

SC: Abstrações

USE: Buddhadhatu

**Budismo**

SC: Escolas

UF: Buddha-dharma

## Dhamma-Vinaya

## Budismo chinês

SC: Escolas

RT: An Lu-shan

An Shih-kao

Ancho

Chi-tsang

Chia Yung

Chih-tsang

Chih Tun

Chou Yung

Dharmaksema

Fo-t'u-teng

Hotei

Hui-yuan

Kumarajiva

Lin-chi I-hsuan

Mahayana

Mi-tsung

Nagarjuna

Seng-chao

Shan Tao

T'an-luan

## Budismo esotérico

SC: Escolas

USE: Vajrayana

## Budismo japonês

SC: Escolas

RT: Dogen

Honen

Jodo Shinshu

Jodo Shu  
Kukai  
Mahayana  
Monte Hiei  
Nagarjuna  
Nichiren  
Nichiren Shu  
Obaku Shu  
Rinzai Zen  
Saicho  
Shingon  
Shinran  
Shotaku Taishi  
Soto Zen  
Tendai  
Zen

#### Budismo tântrico

SC: Escolas

USE: Vajrayana

#### Budismo tibetano

SC: Escolas

RT: Dakini

Gelugpa

Kagyu

Lamrim

Mahayana

Marpa

Milam

Milarepa

Nagarjuna

Naropa

Ngondro

Nyingma

Osel

P'howa

Padmasambhava

Prana

Rime

Sadhana

Sakya

Tara

Yidam

Bulsong

SC: Abstrações

USE: Buddhadhatu

Bussho

SC: Abstrações

USE: Buddhadhatu

Butsu

SC: Personalidades

USE: Buda (estado)

Byakushi-butsu

SC: Personalidades

USE: Pratyekabuddha

Caminho da visão

SC: Abstrações

UF: Darsana-marga

Candrakirti

SC: Personalidades

RT: Aryadeva

Nagarjuna

Nalanda

Cânone páli

SC: Escrituras

USE: Tipitaka

Carya

SC: Escrituras

BT: Tantra

Cattari Aryasaccani

SC: Abstrações

USE: Quatro Nobres Verdades

Ch'an (escola)

SC: Escolas

RT: Bodhidharma

Ch'an (meditação)

Hsuan-tsang

Ta-hui Tsung-kao

Ch'an (meditação)

SC: Meditação

RT: Ch'an (escola)

Cherenzig

SC: Personalidades

USE: Avalokiteshvara

Chi-tsang

SC: Personalidades

RT: Budismo chinês

Chia Yung

SC: Personalidades

RT: Budismo chinês

Chih

SC: Meditação

USE: Samatha

Chih-i

SC: Personalidades

RT: T'ien T'ai

Chih-tsang

SC: Personalidades

RT: Budismo chinês

Chih Tun

SC: Personalidades

RT: Budismo chinês

Chin-kang-ch'eng

SC: Escolas

USE: Vajrayana

Ching

SC: Escrituras

USE: Sutra

Chittamatra

SC: Escolas

USE: Yogacara

Chou Yung

SC: Personalidades

RT: Budismo chinês

Cinco pontos de Mahadeva

SC: Abstrações

RT: Mahadeva

Mahasanghika

Compaixão

SC: Abstrações

UF: Karuna

RT: Mahakaruna

Compreensão correta

SC: Abstrações

Meditação

BT: Nobre Caminho Óctuplo

Prajna

Concentração correta

SC: Abstrações

Meditação

BT: Nobre Caminho Óctuplo

Samadhi

Conhecimento

SC: Abstrações

UF: Jnana

Consciência

SC: Abstrações

USE: Vijnana

Cullavagga

SC: Escrituras

BT: Vinaya Pitaka

Cultivo

SC: Meditação

UF: Bhavana

RT: Metta

Cultivo do horrível

SC: Meditação

UF: Asubha-bhavana

Daimoku

SC: Meditação

RT: Nichiren

Nichiren Shu

Sutra do Lótus

Dainichi

SC: Personalidades

USE: Mahavairocana

Dakini

SC: Personalidades

RT: Budismo tibetano

Dalai Lama (título)

SC: Personalidades

RT: Gelugpa

Dana

SC: Abstrações

BT: Parami

Paramita

Darsana-marga

SC: Abstrações

USE: Caminho da visão

Deleite

SC: Abstrações

UF: Sanuk

Desejo (kama)

SC: Abstrações

Deva

SC: Personalidades

RT: Naga

Deva raja

SC: Personalidades

UF: Bom rei

Devoção

SC: Abstrações

Dhamma

SC: Abstrações

USE: Dharma

Dhamma-Vinaya

SC: Escolas

USE: Budismo

Dhamma raja

SC: Personalidades

RT: Asoka

Dhammapada

SC: Escrituras

BT: Khuddaka Nikaya

Dhammasangani

SC: Escrituras

BT: Abhidharma pitaka

DhammaSanghani

SC: Escrituras

RT: Atthasalini

Dhammayuttika Nikaya

SC: Escrituras

BT: Sutra Pitaka

Dharani

SC: Práticas

Dharma

SC: Abstrações

UF: Dhamma

BT: Triratna

Dharmachakra

SC: Abstrações

Dharmadhatu

SC: Abstrações

Dharmakara

SC: Personalidades

RT: Amitabha

Amitayus

## Dharmakaya

SC: Abstrações

BT: Trikaya

RT: Tathata

## Dharmakirti

SC: Personalidades

## Dharmaksema

SC: Personalidades

RT: Budismo chinês

## Dharmapala (rei)

SC: Personalidades

## Dharmaskandha

SC: Escrituras

RT: Abidharma

Sanghitiparyaya

Sarvastivada

## Dhatukatha

SC: Escrituras

BT: Abhidharma pitaka

RT: Pancappakarana-atthakattha

## Dhyana

SC: Abstrações

BT: Paramita

## Dhyana (meditação)

SC: Meditação

UF: Diana (meditação)

Jhana (meditação)

RT: Anapana

Nirodha-samapatti

Samadhi

Dhyani buddha

SC: Personalidades

RT: Aksobhya

Amitabha

Amoghasiddhi

Ratnasambhava

Vairocana

Diana (meditação)

SC: Meditação

USE: Dhyana (meditação)

Digha Nikaya

SC: Escrituras

BT: Sutra Pitaka

Dighavu-kumara Vatthu

SC: Escrituras

BT: Vinaya Pitaka

Dignaga

SC: Personalidades

Dipamkara

SC: Personalidades

RT: Buda

Sidarta Gautama

Dogen

SC: Personalidades  
 RT: Budismo japonês  
 Ju-ching  
 Shinjin datsuraku  
 Soto Zen  
 Zen

Drikung Kagyu  
 SC: Escolas  
 BT: Kagyu

Drugpa Kagyu  
 SC: Escolas  
 BT: Kagyu

Duhkha  
 SC: Abstrações  
 USE: Dukkha

Dukkha  
 SC: Abstrações  
 UF: Duhkha  
 Sofrimento  
 NT: Dukkha-dukkha  
 Sankhara-dukkha  
 Viparinama-dukkha  
 RT: Primeira Nobre Verdade  
 Sukha

Dukkha-dukkha  
 SC: Abstrações  
 BT: Dukkha

Dukkha Satya

SC: Abstrações  
USE: Primeira Nobre Verdade

#### Dvesha

SC: Abstrações  
UF: Aversão

#### Dzogchen

SC: Meditação  
RT: Mahamudra  
Nyingma  
Shikan taza  
Zazen

#### Ekayana

SC: Abstrações  
RT: Sutra do Lótus

#### Engaku

SC: Personalidades  
USE: Pratyekabuddha

#### Equanimidade

SC: Abstrações  
UF: Upeksa  
BT: Parami

#### Escola do Meio

SC: Escolas  
USE: Madhyamika

#### Esforço correto

SC: Abstrações  
Meditação

BT: Nobre Caminho Óctuplo  
Samadhi

Fa-hsiang

SC: Escolas  
RT: Yogacara

Fa-tsang

SC: Personalidades  
RT: Hua-yen (escola)

Fang-pien

SC: Abstrações  
USE: Meios hábeis

Fé (saddha)

SC: Abstrações

Fo-t'u-teng

SC: Personalidades  
RT: Budismo chinês

Fudo-myoo

SC: Personalidades  
USE: Acalanatha

Gaki

SC: Personalidades  
USE: Preta

Gampopa

SC: Personalidades  
RT: Kagyu

Garbha

SC: Abstrações

UF: Taizo

Gatha

SC: Práticas

Gelugpa

SC: Escolas

RT: Budismo tibetano

Dalai Lama (título)

Gozan

SC: Lugares

RT: Shozan

Guru

SC: Personalidades

USE: Lama

Guru Rinponche

SC: Personalidades

USE: Padmasambhava

Gyong

SC: Escrituras

USE: Sutra

Gyulu

SC: Práticas

RT: Kagyu

Naropa

Hannya

SC: Abstrações

USE: Prajna

### Hinayana

SC: Escolas

RT: Mahayana

Theravada

Vajrayana

### Hoben

SC: Abstrações

USE: Meios hábeis

### Hojin

SC: Abstrações

USE: Sambhogakaya

### Honen

SC: Personalidades

RT: Budismo japonês

Jodo Shu

### Honmon

SC: Escrituras

RT: Sutra do Lótus

### Hotei

SC: Personalidades

UF: Pu-tai

RT: Budismo chinês

### Hsuan-tsang

SC: Personalidades

RT: Ch'an (escola)

Hua-yen (escola)

SC: Escolas

RT: Avatamsaka Sutra

Fa-tsang

Mahayana

Shih-shih wu-ai

Hui-yuan

SC: Personalidades

RT: Budismo chinês

Ignorância

SC: Abstrações

USE: Avidya

Iluminação

SC: Abstrações

Meditação

UF: Bodai

Bodhi

Satori

RT: Sambodhi

Inferno

SC: Lugares

UF: Naraka

Niraya

Itivuttaka

SC: Escrituras

BT: Khuddaka Nikaya

Jaramarana

SC: Abstrações  
BT: Pratityasamutpada

#### Jataka

SC: Escrituras

#### Jati

SC: Abstrações  
BT: Pratityasamutpada

#### Jhana (meditação)

SC: Meditação  
USE: Dhyana (meditação)

#### Jiriki

SC: Abstrações  
UF: Próprio Poder  
RT: Tariki

#### Jissetu

SC: Lugares  
RT: Shozan

#### Jnana

SC: Abstrações  
USE: Conhecimento

#### Jo

SC: Meditação  
USE: Samadhi

#### Jodo Shinshu

SC: Escolas  
RT: Budismo japonês

Shinjin  
Shodomon

### Jodo Shu

SC: Escolas  
RT: Budismo japonês  
Honen

### Ju-ching

SC: Personalidades  
RT: Dogen

### Kagyü

SC: Escolas  
NT: Baram Kagyu  
Drikung Kagyu  
Drugpa Kagyu  
Karma Kagyu  
Pagmo Kagyu  
Shangpa Kagyu  
Taglung Kagyu  
Tselpa Kagyu  
Ugyen Nyendrup  
RT: Bardo  
Budismo tibetano  
Gampopa  
Gyulu  
Mahamudra  
Milam  
Naropa  
Osel  
P'howa  
Tilopa  
Tummo

## Vajradhara

### Kalpa

SC: Abstrações

### Kandha

SC: Abstrações

USE: Skandha

### Kannon

SC: Personalidades

USE: Avalokiteshvara

### Kanzeon

SC: Personalidades

USE: Avalokiteshvara

### Karma

SC: Abstrações

RT: Klesa

### Karma Kagyu

SC: Escolas

BT: Kagyu

RT: Karmapa (título)

### Karmapa (título)

SC: Personalidades

RT: Karma Kagyu

### Karuna

SC: Abstrações

USE: Compaixão

Kasho

SC: Personalidades

USE: Mahakasyapa

Kasinas

SC: Práticas

RT: Theravada

Kathavatthu

SC: Escrituras

BT: Abhidharma pitaka

RT: Pancappakarana-atthakattha

Kegon

SC: Escrituras

USE: Avatamsaka Sutra

Kegon (escola)

SC: Escolas

RT: Avatamsaka Sutra

Khandhaka

SC: Escrituras

BT: Vinaya Pitaka

Khuddaka Nikaya

SC: Escrituras

BT: Sutra Pitaka

NT: Dhammapada

Itivuttaka

Khuddakapatha

Sutta Nipata

Theragata

Udana

Khuddakapatha

SC: Escrituras

BT: Khuddaka Nikaya

Kin'hin

SC: Meditação

RT: Soto Zen

Zen

Klesa

SC: Abstrações

RT: Karma

Tanha

Koan

SC: Práticas

RT: Rinzai Zen

Kobo

SC: Personalidades

USE: Kukai

Kongojo

SC: Escolas

USE: Vajrayana

Kriya

SC: Escrituras

BT: Tantra

Ksanti

SC: Abstrações

BT: Parami

## Paramita

### Kuan Yin

SC: Personalidades

USE: Avalokiteshvara

### Kukai

SC: Personalidades

UF: Kobo

RT: Budismo japonês

Shingon

### Kumarajiva

SC: Personalidades

RT: Budismo chinês

Mahayana

### Kyo

SC: Escrituras

USE: Sutra

### Lama

SC: Personalidades

UF: Guru

### Landre

SC: Práticas

RT: Sakya

### Lamrim

SC: Práticas

RT: Budismo tibetano

### Leiga

SC: Personalidades

USE: Upasika

Leigo

SC: Personalidades

USE: Upasaka

Leigos

SC: Personalidades

RT: Upasaka

Upasika

Lin-chi I-hsuan

SC: Personalidades

RT: Budismo chinês

Lon

SC: Escrituras

USE: Abidharma

Lun

SC: Escrituras

USE: Abidharma

Madhyamaka

SC: Escolas

USE: Madhyamika

Madhyamika

SC: Escolas

UF: Escola do Meio

Madhyamaka

RT: Aryadeva

Asvabhava

Bhavaviveka  
Mulamadhyamaka Karika  
Yogacara

Magga Satya

SC: Abstrações  
USE: Quarta Nobre Verdade

Mahadeva

SC: Personalidades  
RT: Cinco pontos de Mahadeva  
Mahasanghika  
Mahayana

Mahakaruna

SC: Abstrações  
RT: Buda (estado)  
Compaixão

Mahakassapa

SC: Personalidades  
USE: Mahakasyapa

Mahakasyapa

SC: Personalidades  
UF: Kasho  
Mahakassapa  
Makakasho  
RT: Zen

Mahamudra

SC: Meditação  
RT: Dzogchen  
Kagyu

Shikan taza

Zazen

Mahaparinibbana Sutta

SC: Escrituras

RT: Mahaparinirvana Sutra

Theravada

Mahaparinirvana Sutra

SC: Escrituras

RT: Mahaparinibbana Sutta

Mahayana

Mahasanghika

SC: Escolas

RT: Cinco pontos de Mahadeva

Mahadeva

Mahayana

Mahasthamaprapta

SC: Personalidades

UF: Seishi

RT: Amida

Amitabha

Avalokiteshvara

Mahavagga

SC: Escrituras

BT: Vinaya Pitaka

Mahavairocana

SC: Personalidades

UF: Dainichi

## Mahayana

SC: Escolas

RT: Atisa

Budismo chinês

Budismo japonês

Budismo tibetano

Hinayana

Hua-yen (escola)

Kumarajiva

Mahadeva

Mahaparinirvana Sutra

Mahasanghika

Nagarjuna

Nalanda

Paramita

Vajrayana

## Maitreya

SC: Personalidades

UF: Miroku

## Maitri

SC: Abstrações

USE: Amizade

## Majjhima Nikaya

SC: Escrituras

BT: Sutra Pitaka

## Makakasho

SC: Personalidades

USE: Mahakasyapa

## Mandala

SC: Práticas

UF: Mandara

Taizokai

Mandara

SC: Práticas

USE: Mandala

Manjusri

SC: Personalidades

UF: Monju

Mantra

SC: Práticas

Mappo

SC: Abstrações

RT: Shobo

Zoho

Mara

SC: Personalidades

RT: Tanha

Marpa

SC: Personalidades

RT: Budismo tibetano

Meio de vida correto

SC: Abstrações

BT: Nobre Caminho Óctuplo

Sila

Meios hábeis

SC: Abstrações

UF: Fang-pien

Hoben

Upaya

Upaya-kalsalya

Mente (citta)

SC: Abstrações

Metta

SC: Abstrações

Meditação

BT: Parami

RT: Amizade

Cultivo

Mi-tsung

SC: Escolas

RT: Budismo chinês

Shingon

Miao-fa lien-hua ching

SC: Escrituras

USE: Sutra do Lótus

Mikkyo

SC: Escolas

USE: Vajrayana

Milam

SC: Personalidades

RT: Budismo tibetano

Kagyu

Naropa

Milarepa

SC: Personalidades

RT: Budismo tibetano

Mindfulness

SC: Meditação

USE: Atenção plena

Miroku

SC: Personalidades

USE: Maitreya

Monju

SC: Personalidades

USE: Manjusri

Monte Hiei

SC: Lugares

RT: Budismo japonês

Mudita

SC: Abstrações

RT: Theravada

Mudra

SC: Práticas

Muga

SC: Abstrações

USE: Anatman

Mulamadhyamaka Karika

SC: Escrituras

RT: Madhyamika

Myoho Rengekyo

SC: Escrituras

USE: Sutra do Lótus

Naga

SC: Personalidades

RT: Deva

Nagarjuna

SC: Personalidades

RT: Buddhapalita

Budismo chinês

Budismo japonês

Budismo tibetano

Candrakirti

Mahayana

Nalanda

Vajrayana

Nagasena

SC: Personalidades

Nalanda

SC: Lugares

RT: Candrakirti

Mahayana

Nagarjuna

Theravada

Nama-rupa

SC: Abstrações

BT: Pratityasamutpada

**Naraka**

SC: Lugares

USE: Inferno

**Naropa**

SC: Personalidades

RT: Bardo

Budismo tibetano

Gyulu

Kagyu

Milam

Osel

P'howa

Tummo

**Nekhumma**

SC: Abstrações

BT: Parami

**Nenbutsu**

SC: Práticas

UF: Nien-fo

Nyombul

RT: Buddhanussati

**Ngondro**

SC: Práticas

RT: Budismo tibetano

**Nibbana**

SC: Abstrações

Meditação

RT: Nirvana

## Terceira Nobre Verdade

## Nichiren

SC: Personalidades

RT: Budismo japonês

Daimoku

Nichiren Shu

Sutra do Lótus

## Nichiren Shu

SC: Escolas

RT: Budismo japonês

Daimoku

Nichiren

Sutra do Lótus

## Nidana

SC: Abstrações

RT: Pratityasamutpada

## Nien-fo

SC: Práticas

USE: Nenbutsu

## Nikaya

SC: Escrituras

RT: Agama

Sutra Pitaka

## Niraya

SC: Lugares

USE: Inferno

## Nirmanakaya

SC: Abstrações

BT: Trikaya

Nirodha-samapatti

SC: Meditação

RT: Dhyana (meditação)

Nirodha Satya

SC: Abstrações

USE: Terceira Nobre Verdade

Nirvana

SC: Abstrações

Meditação

UF: Tanhakkhaya

RT: Nibbana

Terceira Nobre Verdade

Nissaggiya pacittiya

SC: Escrituras

BT: Suttavibhanga

Nobre caminho

SC: Abstrações

UF: Arya-marga

Nobre Caminho Óctuplo

SC: Abstrações

NT: Ação correta

Atenção plena correta

Compreensão correta

Concentração correta

Esforço correto

Meio de vida correto

Palavra correta

Pensamento correto

Prajna

Samadhi

Sila

RT: Quarta Nobre Verdade

Nyingma

SC: Escolas

RT: Budismo tibetano

Dzogchen

Padmasambhava

Nyojitsu

SC: Abstrações

USE: Tathata

Nyombul

SC: Práticas

USE: Nenbutsu

Nyorai

SC: Personalidades

USE: Buda (estado)

Nyoraizo

SC: Abstrações

USE: Tathagatagarbha

O caminho da purificação

SC: Escrituras

USE: Visuddhimagga

Obaku Shu

SC: Escolas

RT: Budismo japonês

### Osel

SC: Práticas

RT: Budismo tibetano

Kagyu

Naropa

### Outro Poder

SC: Abstrações

USE: Tariki

### P'howa

SC: Práticas

RT: Amitabha

Budismo tibetano

Kagyu

Naropa

Sukhavati

### Paccekabuddha

SC: Personalidades

USE: Pratyekabuddha

### Pacittiya

SC: Escrituras

BT: Suttavibhanga

### Padmasambhava

SC: Personalidades

UF: Guru Rinponche

RT: Budismo tibetano

Nyingma

Pagmo Kagyu

SC: Escolas

BT: Kagyu

Palavra correta

SC: Abstrações

BT: Nobre Caminho Óctuplo

Sila

Pan-jo

SC: Meditação

USE: Prajna

Pancappakarana-atthakattha

SC: Escrituras

BT: Abhidharma pitaka

RT: Dhatukatha

Kathavatthu

Patthana

Puggalapannatti

Yamaka

Panna

SC: Meditação

BT: Parami

RT: Quarta Nobre Verdade

Parajika

SC: Escrituras

BT: Suttavibhanga

Parami

SC: Abstrações

NT: Aditthana

Dana

Equanimidade

Ksanti

Metta

Nekhumma

Panna

Sacca

Sila

Virya

RT: Paramita

Paramita

SC: Abstrações

NT: Dana

Dhyana

Ksanti

Prajna

Sila

Virya

RT: Mahayana

Parami

Patidesaniya

SC: Escrituras

BT: Suttavibhanga

Patthana

SC: Escrituras

BT: Abhidharma pitaka

RT: Pancappakarana-atthakattha

Pensamento correto

SC: Meditação

BT: Nobre Caminho Óctuplo  
Prajna

Petta

SC: Personalidades  
USE: Preta

Po-jo

SC: Meditação  
USE: Prajna

Prabhutaratna

SC: Personalidades  
UF: Taho  
RT: Sutra do Lótus

Prajna

SC: Meditação  
UF: Hannya  
Pan-jo  
Po-jo  
BT: Nobre Caminho Óctuplo  
Paramita  
NT: Compreensão correta  
Pensamento correto  
RT: Quarta Nobre Verdade

Prajnaparamita hrdaya

SC: Escrituras  
USE: Sutra do Coração

Prana

SC: Abstrações  
RT: Budismo tibetano

## Pratityasamutpada

SC: Abstrações

NT: Avidya

Bhava

Jaramarana

Jati

Nama-rupa

Sadaytana

Samkhara

Sparsa

Tanha

Upadana

Vedana

Vijnana

RT: Nidana

Segunda Nobre Verdade

## Pratyekabuddha

SC: Personalidades

UF: Byakushi-butsu

Engaku

Paccekabuddha

RT: Buda (estado)

## Preta

SC: Personalidades

UF: Gaki

Petta

## Primeira Nobre Verdade

SC: Abstrações

UF: Dukkha Satya

BT: Quatro Nobres Verdades

RT: Anatman

Anitya

Dukkha

Skandha

Priti

SC: Abstrações

USE: Alegria

Próprio Poder

SC: Abstrações

USE: Jiriki

Pu-tai

SC: Personalidades

USE: Hotei

Puggalapannatti

SC: Escrituras

BT: Abhidharma pitaka

RT: Pancappakarana-atthakattha

Quarta Nobre Verdade

SC: Abstrações

UF: Magga Satya

BT: Quatro Nobres Verdades

RT: Nobre Caminho Óctuplo

Panna

Prajna

Samadhi

Sila

Quatro Nobres Verdades

SC: Abstrações

UF: Cattari Aryasaccani  
NT: Primeira Nobre Verdade  
Quarta Nobre Verdade  
Segunda Nobre Verdade  
Terceira Nobre Verdade

Rahula

SC: Personalidades  
RT: Buda  
Sidarta Gautama

Ratnasambhava

SC: Personalidades  
RT: Dhyani buddha

Rime

SC: Escolas  
RT: Budismo tibetano

Rinzai Zen

SC: Escolas  
BT: Zen  
RT: Budismo japonês  
Koan  
Zazen

Ron

SC: Escrituras  
USE: Abidharma

Roshi

SC: Personalidades  
RT: Zen

Rupa

SC: Abstrações

BT: Skandha

Sacca

SC: Abstrações

BT: Parami

Sadaparibhuta

SC: Personalidades

RT: Buda

Sidarta Gautama

Sadaytana

SC: Abstrações

BT: Pratityasamutpada

Saddharma Pundarika Sutra

SC: Escrituras

USE: Sutra do Lótus

Sadhana

SC: Práticas

RT: Budismo tibetano

Saha

SC: Lugares

USE: Samsara

Saicho

SC: Personalidades

RT: Budismo japonês

Tendai

## Sakya

SC: Escolas

RT: Budismo tibetano

Lamdre

## Samadhi

SC: Meditação

UF: Jo

San-mei

Sanmai

Ting

Zanmai

BT: Nobre Caminho Óctuplo

NT: Atenção plena correta

Concentração correta

Esforço correto

RT: Anapana

Dhyana (meditação)

Quarta Nobre Verdade

Samatha

## Samantabhadra

SC: Personalidades

UF: Adi-Buddha

## Samatha

SC: Meditação

UF: Chih

Shi

RT: Anapana

Samadhi

Samatha-vipasyana

## Samatha-vipasyana

SC: Meditação

UF: Shikan

RT: Samatha

Shikan taza

Vipassana

Zen

Sambhogakaya

SC: Abstrações

UF: Hojin

BT: Trikaya

Sambodhi

SC: Meditação

RT: Buda (estado)

Iluminação

Samjna

SC: Abstrações

BT: Skandha

Samkhara

SC: Abstrações

BT: Pratityasamutpada

Samma-sambuddha

SC: Personalidades

USE: Buda (estado)

Sammoha-vinodani

SC: Escrituras

BT: Abhidharma pitaka

RT: Vibhanga

## Samsara

SC: Lugares

UF: Saha

Shaba

## Samskara

SC: Abstrações

BT: Skandha

## Samudaya Satya

SC: Abstrações

USE: Segunda Nobre Verdade

## Samyaksam-buddha

SC: Personalidades

USE: Buda (estado)

## Samyutta Nikaya

SC: Escrituras

BT: Sutra Pitaka

## San-mei

SC: Meditação

USE: Samadhi

## Sanbo

SC: Abstrações

USE: Triratna

## Sangha

SC: Abstrações

BT: Triratna

## Sanghadisesa

SC: Escrituras  
BT: Suttavibhanga

### Sanghitiparyaya

SC: Escrituras  
RT: Abidharma  
Dharmaskandha

### Sankhara-dukkha

SC: Abstrações  
BT: Dukkha

### Sanmai

SC: Meditação  
USE: Samadhi

### Sanuk

SC: Abstrações  
USE: Deleite

### Sanzo

SC: Escrituras  
USE: Tripitaka

### Sariputta

SC: Personalidades  
USE: Shariputra

### Sarvastivada

SC: Escolas  
RT: Abhidharma-hrdata  
Dharmaskandha  
Vasubandhu

## Sastra

SC: Escrituras

USE: Abidharma

## Sati

SC: Meditação

USE: Atenção plena

## Satori

SC: Meditação

USE: Iluminação

## Segunda Nobre Verdade

SC: Abstrações

UF: Samudaya Satya

BT: Quatro Nobres Verdades

RT: Pratityasamutpada

Tanha

## Seishi

SC: Personalidades

USE: Mahasthamaprapta

## Sekhiya

SC: Escrituras

BT: Suttavibhanga

## Seng-chao

SC: Personalidades

RT: Budismo chinês

## Sesshin

SC: Práticas

RT: Soto Zen

Zen

Shaba

SC: Lugares

USE: Samsara

Shakumon

SC: Escrituras

RT: Sutra do Lótus

Shakyamuni

SC: Personalidades

USE: Buda

Shami

SC: Personalidades

USE: Sramanera

Shan Tao

SC: Personalidades

RT: Budismo chinês

Shana-gyo

SC: Meditação

RT: Tendai

Shangpa Kagyu

SC: Escolas

BT: Kagyu

Shariputra

SC: Personalidades

UF: Sariputta

Shi

SC: Meditação

USE: Samatha

Shih-shih wu-ai

SC: Abstrações

RT: Hua-yen (escola)

Shikan

SC: Meditação

USE: Samatha-vipasyana

Shikan taza

SC: Meditação

RT: Dzogchen

Mahamudra

Samatha-vipasyana

Soto Zen

Zen

Shingon

SC: Escolas

RT: Abhiseka

Ajikan

Budismo japonês

Kukai

Mi-tsung

Shinjin

SC: Abstrações

RT: Amida

Jodo Shinshu

Shinran

Sukhavati

Terra Pura

Shinjin daturaku

SC: Meditação

RT: Dogen

Shinnyo

SC: Abstrações

USE: Tathata

Shinran

SC: Personalidades

RT: Budismo japonês

Shinjin

Shobo

SC: Abstrações

RT: Mappo

Shodomon

SC: Abstrações

RT: Jodo Shinshu

Shojoju

SC: Abstrações

RT: Amida

Sukhavati

Terra Pura

Shomon

SC: Personalidades

USE: Sravaka

Shotaku Taishi

SC: Personalidades  
RT: Budismo japonês

### Shozan

SC: Lugares  
RT: Gozan  
Jissetu

### Shugendo

SC: Práticas  
RT: Yamabushi

### Sidarta Gautama

SC: Personalidades  
RT: Ananda  
Bimbisara  
Buda  
Dipamkara  
Rahula  
Sadaparibhuta

### Sila

SC: Abstrações  
BT: Nobre Caminho Óctuplo  
Parami  
Paramita  
NT: Ação correta  
Meio de vida correto  
Palavra correta  
RT: Quarta Nobre Verdade

### Skandha

SC: Abstrações  
UF: Kandha

NT: Rupa

Samjna

Samskara

Vedana

Vijnana

RT: Primeira Nobre Verdade

Sunya

Smrti

SC: Meditação

USE: Atenção

Atenção plena

Sufrimento

SC: Abstrações

USE: Dukkha

Sokushin jobutsu

SC: Abstrações

Soto Zen

SC: Escolas

BT: Zen

RT: Budismo japonês

Dogen

Kin'hin

Sesshin

Shikan taza

Zazen

Sotoba

SC: Lugares

USE: Stupa

**Sparsa**

SC: Abstrações

BT: Prativityasamutpada

**Sramanera**

SC: Personalidades

UF: Shami

**Sravaka**

SC: Personalidades

UF: Shomon

RT: Theravada

**Stupa**

SC: Lugares

UF: Sotoba

**Sukha**

SC: Abstrações

RT: Dukkha

**Sukhavati**

SC: Lugares

RT: P'howa

Shinjin

Shojoju

Terra Pura

**Sunya**

SC: Abstrações

RT: Skandha

**Sutra**

SC: Escrituras

UF: Ching

Gyong

Kyo

Sutta

RT: Sutra Pitaka

Sutra do Coração

SC: Escrituras

UF: Prajnaparamita hrdaya

Sutra do Lótus

SC: Escrituras

UF: Miao-fa lien-hua ching

Myoho Rengekyo

Saddharma Pundarika Sutra

RT: Bhaisajyasamudgata

Daimoku

Ekayana

Honmon

Nichiren

Nichiren Shu

Prabhutaratna

Shakumon

T'ien T'ai

Tendai

Sutra Pitaka

SC: Escrituras

BT: Tripitaka

NT: Anguttara Nikaya

Dhammayuttika Nikaya

Digha Nikaya

Khuddaka Nikaya

Majjhima Nikaya

Samyutta Nikaya

RT: Agama

Nikaya

Sutra

Sutta

SC: Escrituras

USE: Sutra

Sutta Nipata

SC: Escrituras

BT: Khuddaka Nikaya

RT: Atthakavaga (Sutta)

Suttavibhanga

SC: Escrituras

BT: Vinaya Pitaka

NT: Adhikarana samatha

Aniyata

Nissaggiya pacittiya

Pacittiya

Parajika

Patidesaniya

Sanghadisesa

Sekhiya

T'an-luan

SC: Personalidades

RT: Budismo chinês

Terra Pura

T'ien T'ai

SC: Escolas

RT: Chih-i

Sutra do Lótus

Tendai

Ta-hui Tsung-kao

SC: Personalidades

RT: Ch'an (escola)

Taglung Kagyu

SC: Escolas

BT: Kagyu

Taho

SC: Personalidades

USE: Prabhutaratna

Taizo

SC: Abstrações

USE: Garbha

Taizokai

SC: Práticas

USE: Mandala

Tanha

SC: Abstrações

BT: Pratityasamutpada

RT: Klesa

Mara

Segunda Nobre Verdade

Tanhakkhaya

SC: Meditação

USE: Nirvana

## Tantra

SC: Escrituras

NT: Anuttarayoga

Carya

Kriya

Yoga

## Tara

SC: Personalidades

RT: Budismo tibetano

## Tariki

SC: Abstrações

UF: Outro Poder

RT: Amida

Jiriki

## Tathagata

SC: Personalidades

USE: Buda

## Tathagatagarbha

SC: Abstrações

UF: Nyoraizo

RT: Buddhadhatu

## Tathata

SC: Abstrações

UF: Nyojitsu

Shinnyo

RT: Dharmakaya

## Tendai

SC: Escolas

RT: Budismo japonês

Saicho

Shana-gyo

Sutra do Lótus

T'ien T'ai

Terceira Nobre Verdade

SC: Abstrações

UF: Nirodha Satya

BT: Quatro Nobres Verdades

RT: Nibbana

Nirvana

Terma

SC: Escrituras

Terra Pura

SC: Lugares

RT: Amida

Anjin

Shinjin

Shojoju

Sukhavati

T'an-luan

Theragata

SC: Escrituras

BT: Khuddaka Nikaya

Theravada

SC: Escolas

RT: Acariya Cha

Acariya Maha Boowa

Acariya Mun

Anawratha  
Anuruddha  
Asoka  
Atthakavaga (Sutta)  
Buddhadasa Bhikkhu  
Buddhadatta  
Buddhaghosa  
Buddhanussati  
Hinayana  
Kasinas  
Mahaparinibbana Sutta  
Mudita  
Nalanda  
Sravaka

Tilopa

SC: Personalidades

RT: Kagyu

Ting

SC: Meditação

USE: Samadhi

Tipitaka

SC: Escrituras

UF: Cânone páli

RT: Tripitaka

Três Jóias

SC: Abstrações

USE: Triratna

Trikaya

SC: Abstrações

NT: Dharmakaya  
Nirmanakaya  
Sambhogakaya  
RT: Buda (estado)

### Tripitaka

SC: Escrituras  
UF: Sanzo  
NT: Abhidharma pitaka  
Sutra Pitaka  
Vinaya Pitaka  
RT: Tipitaka  
PT: Vinaya Pitaka

### Triratna

SC: Abstrações  
UF: Sanbo  
Três Jóias  
NT: Buda  
Dharma  
Sangha

### Troph'u Kagyu

SC: Escolas

### Tselpa Kagyu

SC: Escolas  
BT: Kagyu

### Tso-ch'an

SC: Meditação  
RT: Zazen

### Tulku

SC: Personalidades

Tummo

SC: Práticas

RT: Kagyu

Naropa

Ucchedavada

SC: Abstrações

Udana

SC: Escrituras

BT: Khuddaka Nikaya

Uddaka Ramaputa

SC: Personalidades

USE: Udraka Ramaputra

Udraka Ramaputra

SC: Personalidades

UF: Uddaka Ramaputa

Ugyen Nyendrup

SC: Escolas

BT: Kagyu

Upadana

SC: Abstrações

BT: Pratityasamutpada

Upali

SC: Personalidades

Upasaka

SC: Personalidades

UF: Leigo

RT: Leigos

Upasika

SC: Personalidades

UF: Leiga

RT: Leigos

Upaya

SC: Abstrações

USE: Meios hábeis

Upaya-kalsalya

SC: Abstrações

USE: Meios hábeis

Upeksha

SC: Meditação

USE: Equanimidade

Vairocana

SC: Personalidades

RT: Dhyani buddha

Vajrabodhi

SC: Personalidades

Vajradhara

SC: Personalidades

RT: Kagyu

Vajrayana

SC: Escolas

UF: Budismo esotérico

Budismo tântrico

Chin-kang-ch'eng

Kongojo

Mikkyo

RT: Atisa

Bardo

Hinayana

Mahayana

Nagarjuna

Yoga

Vasubandhu

SC: Personalidades

RT: Abhidharma-kosa

Abhidharmakosabhasya

Asanga

Sarvastivada

Vedana

SC: Abstrações

BT: Pratityasamutpada

Skandha

Vibhanga

SC: Escrituras

BT: Abhidharma pitaka

RT: Atthasalini

Sammoha-vinodani

Vihara

SC: Lugares

Vijnana

SC: Abstrações  
 UF: Consciência  
 BT: Prativityasamutpada  
 Skandha

#### Vimalakirti

SC: Personalidades  
 RT: Vimalakirti Sutra

#### Vimalakirti Sutra

SC: Escrituras  
 RT: Vimalakirti

#### Vinaya

SC: Escrituras

#### Vinaya Pitaka

SC: Escrituras  
 BT: Tripitaka  
 NT: Cullavagga  
 Dighavu-kumara Vatthu  
 Khandhaka  
 Mahavagga  
 Suttavibhanga

#### Viparinama-dukkha

SC: Abstrações  
 BT: Dukkha

#### Vipassana

SC: Meditação  
 UF: Vipasyana  
 RT: Samatha-vipasyana

## Vipasyana

SC: Meditação

USE: Vipassana

## Virya

SC: Abstrações

BT: Parami

Paramita

## Visuddhimagga

SC: Escrituras

UF: O caminho da purificação

RT: Anuruddha

Buddhaghosa

## Yamabushi

SC: Personalidades

RT: Shugendo

## Yamaka

SC: Escrituras

BT: Abhidharma pitaka

RT: Pancappakarana-atthakattha

## Yidam

SC: Personalidades

RT: Budismo tibetano

## Yoga

SC: Práticas

BT: Tantra

RT: Vajrayana

## Yogacara

SC: Escolas

UF: Chittamatra

RT: Asanga

Asvabhava

Fa-hsiang

Madhyamika

Zanmai

SC: Meditação

USE: Samadhi

Zazen

SC: Meditação

RT: Dzogchen

Mahamudra

Rinzai Zen

Soto Zen

Tso-ch'an

Zen

Zen

SC: Escolas

NT: Rinzai Zen

Soto Zen

RT: Bodhidharma

Budismo japonês

Dogen

Kin'hin

Mahakasyapa

Roshi

Samatha-vipasyana

Sesshin

Shikan taza

Zazen

Zoho

SC: Abstrações

RT: Mappo